

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Luciano Nogueira da Silva

**A HARMONIZAÇÃO ENTRE T. H. L. PARKER E R. ALBERT MOHLER JR.
NA CONCEITUAÇÃO DO PROPÓSITO DA PREGAÇÃO**

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Luciano Nogueira da Silva

**A HARMONIZAÇÃO ENTRE T. H. L. PARKER E R. ALBERT MOHLER JR.
NA CONCEITUAÇÃO DO PROPÓSITO DA PREGAÇÃO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Dario de Araújo Cardoso.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586h	Silva, Luciano Nogueira Da. A Harmonização entre T. H. L. Parker e R. Albert Mohler Jr. na Conceituação do Propósito da Pregação. : [recurso eletrônico] / Luciano Nogueira da Silva. 110 KB ; Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dario de Araújo Cardoso. Referências Bibliográficas: f. 62-63. 1. Pregação. 2. Testemunho. 3. Apologética. 4. Pós-modernismo. I. Cardoso, Dario de Araújo, <i>orientador(a)</i> . II. Título.
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Luciano Nogueira da Silva

**A HARMONIZAÇÃO ENTRE T. H. L. PARKER E R. ALBERT MOHLER JR.
NA CONCEITUAÇÃO DO PROPÓSITO DA PREGAÇÃO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (*MDiv*) na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Dario de Araújo Cardoso.

Aprovação: 10/12/2022

Orientador: Professor: Dario de Araújo Cardoso.

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Luciano Nogueira da Silva**

Programa: Magister Divinitatis (MDiv)

Título do Trabalho: A Harmonização entre T. H. L. Parker e R. Albert Mohler Jr. na Conceituação do Propósito da Pregação.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Aos meus pais e irmãs, à Karen e aos meus filhos pelo constante incentivo e apoio na construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela revelação de seu filho Jesus Cristo no evangelho, razão de nossa luz e canção.

Ao CPAJ, pela oportunidade de crescimento através do diálogo e do testemunho.

Ao prof. Dario de Araújo Cardoso, por todo o incentivo e inspiração nas aulas de pregação e, na construção deste trabalho.

Irmãos, quando estive com vocês, anunciando-lhes o mistério de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vocês. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a fé que vocês têm não se apoiasse em sabedoria humana, mas no poder de Deus. (1Co 1.1-5)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as diferenças proposicionais entre T. H. L. Parker e R. Albert Mohler Jr. sobre o conceito da tarefa essencial da pregação na exposição do evangelho. Segundo Parker, o pregador deve se ocupar exclusivamente com o testemunho a ele confiado e não buscar exercer o papel de um advogado na defesa do cristianismo diante da cultura ao qual se propõe a dialogar. Para tal, ele se utiliza do conceito de pregação de Calvino no qual diz que o pregador deve expor as escrituras como sua fonte e conteúdo único, se vendo como um embaixador autorizado e enviado por Deus, e, confiando na companhia do Santo Espírito para a capacitação e persuasão dos que serão ministrados. Por outro lado, Mohler defende que numa cultura dirigida pelo pensamento pós-moderno (negação da verdade absoluta, subjetivismo e supervalorização do ego), a pregação se faz necessária como declaratória, apologética e polêmica. Apoiado na exegese de Atos 17, ele descreve os principais pontos de Paulo nesta tarefa como proclamador do evangelho diante de uma cultura descrente em Deus no areópago. Diante dessas ênfases divergentes buscar-se-á encontrar um ponto de equilíbrio e complementaridade entre a declaração do evangelho pelo pregador, como uma testemunha fidedigna dos fatos experienciados na pessoalidade e, um apologista eficaz no testemunho, não somente numa sociedade pós-moderna, mas em toda e qualquer cultura que seja descrente sobre a verdade incontestável de que Jesus Cristo é o Senhor. Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho se enquadrará na teologia pastoral que, por delimitação proposta pelo CPAJ, engloba o aconselhamento, a educação cristã, as missões urbanas e a pregação dentro de uma perspectiva calvinista histórica. Embora tenha afinidades com as demais áreas de pesquisa listadas anteriormente, o trabalho se aterá a pregação reformada como área principal de pesquisa objetivando a correlação entre o testemunho prestado pelo pregador na proclamação do evangelho e a real necessidade da apologética na tarefa proclamatória. Para tal, buscar-se-á compreender o conceito de pregação no ministério do apóstolo Paulo, pela visão de testemunha em Parker e apologeta em Mohler, a fim de compreender essa tarefa como autoritativa, centrada nas Escrituras e, obrigatoriamente voltada ao diálogo com a cultura circundante. A historicidade, a forma e os argumentos referentes à defesa da pregação expositiva não serão desenvolvidos, embora ainda haja espaço para discussão de tais temas em tempos pós-modernos, como a validade e relevância da exposição bíblica perante outros eventos como o coaching.

Palavras-chave: Pregação. Testemunho. Apologética. Pós-modernismo.

ABSTRACT

The present work has as its theme the propositional differences between TH. L. Parker and R. Albert Mohler Jr. on the concept of the essential task of preaching in the exposition of the gospel. According to Parker, the preacher must occupy himself exclusively with the testimony entrusted to him and not seek to play the role of a lawyer in defending Christianity in the face of the culture to which he intends to dialogue. To this end, he uses Calvin's concept of preaching in which he says that the preacher must expose the scriptures as its unique source and content, seeing himself as an authorized ambassador sent by God, and trusting in the companionship of the Holy Spirit for the training and persuasion of those who will be taught. On the other hand, Mohler argues that in a culture driven by postmodern thought (denial of absolute truth, subjectivism and overvaluation of the ego), preaching is necessary as declaratory, apologetic and polemic. Based on the exegesis of Acts 17, he describes Paul's main points in this task as a proclaimer of the gospel in the face of a culture of unbelievers in God in the Areopagus. Faced with these divergent emphases, an attempt will be made to find a point of balance and complementarity between the preacher's declaration of the gospel, as a trustworthy witness of the facts experienced in the personhood, and an effective apologist in the witness, not only in a post-modern society, but in any and every culture that is unbelieving about the indisputable truth that Jesus Christ is Lord. In order to achieve the proposed objectives, the work will fit into pastoral theology which, as proposed by the CPAJ, encompasses counseling, Christian education, urban missions and preaching within a historical Calvinist perspective. Although it has affinities with the other areas of research listed above, the work will focus on Reformed preaching as the main area of research aiming at the correlation between the witness given by the preacher in the proclamation of the gospel and the real need for apologetics in the proclamation task. To this end, we will seek to understand the concept of preaching in the ministry of the apostle Paul, through the vision of witness in Parker and an apologist in Mohler, in order to understand this task as authoritative, centered on the Scriptures and, necessarily focused on dialogue with the surrounding culture. The historicity, form and arguments referring to the defense of expository preaching will not be developed, although there is still space for discussion of such themes in postmodern times, such as the validity and relevance of biblical exposition in relation to other events such as coaching.

Keywords: Preaching. A testimony. Apologetics. Postmodernism.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	A REALIDADE DA VERDADE NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO	12
2.1.	O DECLÍNIO DO CONCEITO DE VERDADE NO PÓS-MODERNISMO	13
2.2.	O AUTORREFERENCIALMENTE ABSURDO DO PÓS-MODERNISMO EM RELAÇÃO AO CONCEITO DE VERDADE	17
2.3.	A SINGULARIDADE DA VERDADE NA TAREFA DA PREGAÇÃO	20
3.	A AUTORIDADE DA PREGAÇÃO NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO	24
3.1.	A AUTORIDADE COMO MECANISMO DE DOMINAÇÃO	25
3.2.	A FALÁCIA DA AUTORIDADE COMO INSTRUMENTO DE PODER	28
3.3.	O COMISSONAMENTO PESSOAL NA TAREFA DA PROCLAMAÇÃO	33
4.	A TAREFA DA PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO	40
4.1.	O DEVER DE APRESENTAR A RAZÃO DA ESPERANÇA NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO	41
4.2.	A NECESSIDADE DE UM MODELO APOLOGÉTICO PARA APRESENTAR A RAZÃO DA ESPERANÇA	43
4.3.	O INTERLÚDIO ENTRE O PEDIDO E A APRESENTAÇÃO DA RAZÃO: O DIÁLOGO COM O ÍDOLO	48
4.4.	A RAZÃO DA ESPERANÇA	55
5.	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é buscar compreender as diferenças entre as ênfases de T. H. L. Parker e R. Albert Mohler Jr. sobre o conceito da tarefa do pregador na exposição do evangelho a partir da análise de ministério do apóstolo Paulo, com o objetivo de *descobrir* se a tarefa do pregador nesta proclamação como uma testemunha pode ser harmonizada com exigências complementares como a apologética em tempos pós-modernos ou, se biblicamente se tornam incongruentes, inconciliáveis e incompatíveis, *a fim de* argumentar que o testemunho e a defesa da fé não são contrastantes, mas, devem ser vistos como complementares e indissociáveis não somente numa cultura permeada pelo pós-modernismo, mas em toda e qualquer sociedade que desafie a veracidade do testemunho de nosso senhor Jesus Cristo, *de modo a saber* como o pregador deve dialogar com a cultura predominante de sua época mantendo fielmente a identidade de sua comissão, *a partir de* uma abordagem metodologicamente bíblica.

Por um lado, Parker enfatiza que a tarefa da pregação é testemunhar a respeito da vida e da obra de Jesus Cristo, e, que ela não deve ser vista como uma defesa do cristianismo, como a promoção da apologética. Essa afirmação não deve ser vista tão somente no vácuo, como sem nenhum componente hostil esteja presente e no qual ele não queira confrontar. De certo, Parker está buscando proteger a tarefa da pregação de certos movimentos presentes em seu contexto evangélico que propunham, como resposta ao enfraquecimento da proclamação do evangelho em sua época, a substituição da pregação por elementos que apelavam aos olhos, como os filmes religiosos, o apelo aos ouvidos, como a música, e, o apelo a comunhão, por meio de grupos de debate. Para ele, o fortalecimento da proclamação do evangelho não deve ser vista na substituição da pregação, mas na redescoberta da sua tarefa principal, o testemunho. Essa tarefa da pregação deve ser vista, primeiro, como uma testemunha da verdade firmada na exposição das Escrituras, o que lhe concede a fonte de onde extrai os seus pressupostos para o diálogo. Segundo, como uma testemunha comissionada a proclamar esta verdade à cultura rebelada contra Deus a fim de prover reconciliação com o seu criador. Terceiro, como uma testemunha que depende do Espírito Santo de Deus como agente único de convencimento do homem em relação ao pecado, à justiça e ao juízo. Nesse último ponto, especificamente, Parker exime a tarefa da pregação quanto ao seu dever de persuadir a cultura em seu momento histórico através de um diálogo apologético. Essa referência a obra do Espírito Santo de Deus é um forte argumento favorável à sua proposição, mas encontra graves dificuldades ainda em seu momento histórico predominantemente influenciado pelo modernismo, que tem a verdade como um

produto do cientificismo e não de uma revelação absoluta transcendente. Se essa abordagem for correta, o agravamento das dificuldades se acentuam ainda mais nesse período pós-moderno, devido a alegação de uma verdade edificada e sustentada no sujeito. Se a tarefa da pregação é testemunhar a verdade pela exposição das Escrituras, como prover um testemunho consistente diante de uma sociedade que nega a verdade como absoluta, propondo o relativismo cultural a tudo e a todos? Segundo, se a tarefa da pregação é testemunhar a verdade pela exposição das Escrituras pelo comissionamento de um embaixador, como legitimá-lo num contexto que afirma a verdade como opressora de classes pelos seus proponentes? Um dos efeitos dessa proposição é relatado por McGrath no enfraquecimento/declínio do diálogo cristão no âmbito acadêmico, levando quase ao seu banimento. Segundo ele, a tarefa do cristianismo é mostrar-se relevante dentro de qualquer cultura, independente de sua cosmovisão, pela suficiência do caráter glorioso do evangelho em sua revelação redentora. Embora a visão de Parker quanto a tarefa da pregação se apoie corretamente num testemunho firmado e pautado na Palavra de Deus, no comissionamento de um embaixador e considerando o papel único de persuasão do Espírito Santo na transformação do coração humano, e, sirva como a base para toda e qualquer proclamação, essa visão, especialmente nessa época denominada pós-moderna, precisa de um item a mais do que a mera e simples declaração de que Jesus Cristo é Senhor.

Nesse ínterim, a complementaridade da proposição de Mohler se faz relevante. Uma vez que Parker estabelece os parâmetros para o testemunho, Mohler dá um passo além na tarefa da pregação acrescentando a ela a promoção da apologética, devido ao contexto pós-moderno. A sua argumentação é simples. Se o pós-modernismo nega a realidade da verdade a substituindo pelo subjetivismo como realidade última, a percepção da tarefa da pregação deve ser vista como uma aproximação desse sujeito a fim de responder e defender a mensagem do evangelho, propondo a inconsistência do sistema no qual a cultura se apoia e, a apresentação de um sistema alternativo que é a verdade do cristianismo na vida e obra de Jesus Cristo, o filho de Deus. O risco que se pode incorrer nesse diálogo é absorver o pensamento pós-moderno e declará-lo numa forma de piedade apoiada na tradição cristã.

O objetivo, portanto, do trabalho é mostrar que a junção dos dois termos oferece tanto a base como a metodologia que antecede o diálogo com a cultura. O capítulo primeiro, se aterá a compreender a fonte e o conteúdo da testemunha num contexto de negação da realidade da verdade, validada apenas pelo subjetivismo. O capítulo segundo, se aterá a compreender a legitimidade da autoridade do pregador num mundo hostil a a autoridade. O capítulo terceiro, buscará apresentar a necessidade de um diálogo com a cultura circundante como tarefa essencial da pregação a partir de pressupostos bíblicos visando a sua relevância e significado.

2. A REALIDADE DA VERDADE NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO

O objetivo do presente capítulo é analisar a legitimidade da autoridade do pregador em sua tarefa de proclamar o evangelho como uma verdade absoluta numa cultura pós-moderna, a partir da reafirmação da verdade como correspondente, numa relação causal, onde a proposição parte do princípio da realidade factível de mundo, afirmando ser possível o seu conhecimento de forma mediada, não pela autonomia da razão humana pelo método científico, mas, pela mediação da Palavra de Deus revelada à humanidade através da pessoa de Jesus Cristo.

Os efeitos positivos dessa proposição se mostram relevantes na reconstrução do conceito de verdade a partir da noção pré-moderna que tem como fundamento a busca pela compreensão do real conhecimento da verdade atrelada indissociavelmente a realidade do ser, da ontologia, como fator preponderante para a estruturação do princípio orientador da ética na identificação daquilo que é moral, do certo e do errado, dentro de qualquer cultura, independente do que a rege, como base que antecede o diálogo com o evangelho.

Nessa tratativa, o pensamento pós-moderno se interpõem como um obstáculo a ser transposto, devido a sua proposta contrária ao conhecimento real da verdade a partir de um absoluto universal. De acordo com seus proponentes, a verdade só pode ser percebida a partir da observação dos agentes influenciadores dentro de uma cultura específica, tornando a verdade culturalmente relativizada. Essa compreensão da verdade nesses moldes, limitam e impedem a sobreposição de uma cosmovisão sobre a outra perante a alegação de uma intolerância extremamente carregada de arrogância. Os efeitos dessa alegação para o evangelho e a sua proclamação são terrivelmente desastrosas e limitadoras, conferindo a ela uma ilegitimidade quando na tentativa de proclamação a outras culturas de credos diferentes.

Nesse ínterim, a interlocução com Nancy Pearcey se mostrará pertinente, devido a sua proposta de desconstrução de qualquer cosmovisão que se oponha ao evangelho de Jesus Cristo, pois reflete a inconsistência desses sistemas, ao identificar, analisar, expor e confrontar a natureza idolátrica que cada um deles entregam, mostrando-se paradoxalmente oposto daquilo que prometeram como esperança de redenção aos seus adeptos.

Uma vez estabelecido estes pontos de forma satisfatória, o trabalho proporá uma revisitação aos conceitos do evangelho medidos pela revelação da Palavra de Deus como a única base capaz de anteceder o diálogo da tarefa da pregação com a época predominante, propondo-a como uma alternativa eficaz.

2.1. O DECLÍNIO DO CONCEITO DE VERDADE NO PÓS-MODERNISMO

O pregador no conceito de Parker é uma testemunha que foi enviada a proclamar a verdade do evangelho a partir do local onde estiver plantado até aos confins da terra. O grande desafio que se opõe a este anúncio é a cultura pós-moderna na qual ele está inserido que nega todo o conceito de autoridade através da invalidação atribuída pela relativização da verdade. Num ambiente hostil a este absoluto em sua forma global há a possibilidade de validade acerca desse testemunho quanto à verdade?

Albert Mohler está correto em dizer que *“embora a natureza da verdade tenha sido debatida através dos séculos, o pós-modernismo virou o debate de cabeça para baixo”* (2011, p. 126).

No que tange a epistemologia, a modernidade afirmava que o conhecimento, embasado na conceituação do pensamento Iluminista, existe e pode ser conhecido objetivamente sem o auxílio externo, pois,

por diversos séculos, desde o alvorecer do Iluminismo, era crido que a verdade – expressa em palavras que correspondem substancialmente à realidade – na verdade existe e pode ser conhecida. Sem ajuda, pensava-se, a razão humana é capaz de conhecer a verdade de maneira objetiva.¹

Segundo Mohler, esse conhecimento da verdade era comumente aceita pela laboração da ciência como fonte absoluta.

A modernidade tentou estabelecer a verdade com base na precisão científica por meio do processo de pensamento e de investigação indutivos. Seguindo a direção dos cientistas, outras disciplinas tentaram também estabelecer a verdade objetiva por meio do pensamento racional. Os modernistas tinham confiança de que sua abordagem produziria verdades objetivas e universais por intermédio da razão.²

No entanto, na pós-modernidade, o subjetivismo tornou o padrão pelo qual a verdade é estabelecida. As opiniões e não os fatos são o retrato da realidade. Mohler diz que *“enquanto no decorrer da História argumentos focalizaram-se em afirmações rivais quanto à verdade, o pós-modernismo rejeita a própria noção da verdade como fixa, universal, objetiva e absoluta”* (2011, p. 126), pois ninguém pode arrogar para si a noção de verdade por completo.

Embora o termo tenha surgido primeiramente na arquitetura, James Sire, a partir da análise do sociólogo francês Jean-François Lyotard, *“usa o termo pós-moderno para sinalizar*

¹ CARSON, D. A. KELLER, Timothy. *O evangelho no centro*. Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 370.

² MOHLER, R. Albert Jr. *Deus não está em silêncio*. Pregando em um mundo pós-moderno. São José dos Campos: Fiel, 2011. p. 127.

uma mudança na legitimação cultural” pois, redefine a característica daquilo que até então era conhecido como metanarrativa.

Já não há uma única história, uma metanarrativa (uma cosmovisão, em nossos termos), que mantém a cultura ocidental unida. Não se trata apenas de que por muito tempo ocorrem muitas histórias com poder coesivo sobre o grupo social que a adota. Os naturalistas têm sua história, os panteístas, os cristãos ad *infinitum*. Com o pós-modernismo, nenhuma história é mais crível que qualquer outra. Todas as histórias são igualmente válidas, validadas pela comunidade que vive por elas.³

Essa mudança na legitimação da cultura parte do princípio de que o pós-modernismo inverte a ordem de análise da verdade. Antes, no modernismo, a ontologia, o ser, tinha primazia sobre o saber, mas, agora no pós-modernismo, “*a primazia do Deus que cria e revela (deu lugar) a primazia do eu que sabe por conta própria*” (SIRE, 2018, p. 237).

Essa percepção de alteração leva a segunda argumentação sobre a validade das histórias como a conhecemos, como metanarrativas válidas que conferem significado à realidade e não apenas opiniões particulares sem implicações de valor. Para Sire, essa inversão de princípios destrói as cosmovisões, especialmente a cristã, que se sustenta na noção de verdade como correspondente, numa relação direta entre a proposição e o estado real das coisas, na causalidade entre os fatos e a realidade percebida. Uma vez extirpada a verdade de correspondência, “*a única espécie de verdade que existe é a verdade pragmática*” (SIRE, 2018, p. 241).

É fácil ver como essa noção, quando aplicada a reivindicações religiosas, desencadeia o relativismo radical. Nenhuma história é mais verdadeira que outra. A história funciona? Isto é, satisfaz o contador? Ela dá o que você quer – digamos, o senso de pertencimento, a paz consigo mesmo, a esperança para o futuro, uma maneira de ordenar sua vida? É tudo o que se pode perguntar.⁴

Em suma, ele diz que há uma mudança da noção 1) pré-moderna de uma metanarrativa baseada numa revelação direta para, 2) a noção moderna da exaltação da razão como produto científico para, 3) a noção pós-moderna de que nós criamos a verdade à medida que construímos linguagens que servem aos nossos propósitos, embora elas mesmas sejam desconstruídas sob análise.

Essa visão relativista conflita tanto com a visão modernista de verdade baseada no método científico quanto com o pressuposicionalismo cristão, que se apoia diretamente sobre uma revelação absoluta da própria divindade.

³ SIRE, James W. *O universo ao lado*. Um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2018. p. 234.

⁴ Ibid. p. 241.

Os pós-modernistas rejeitam tanto a abordagem cristã como a abordagem modernista quanto ao assunto de verdade. De acordo com a teoria pós-modernista, a verdade não é universal, não é objetiva, nem absoluta e não pode ser determinada por um método aceito comumente. Em vez disso, os pós-modernistas argumentam que a verdade é relativa, plural e inacessível à razão universal.

Essa alegação encontra vida na ilustração narrada por Timothy Keller sobre a história dos cegos e do elefante.

Vários cegos seguiam seu caminho quando encontraram um elefante que os deixou tocá-lo e senti-lo. “Essa criatura é comprida e flexível como uma cobra”, disse o primeiro cego, segurando a tromba do animal. “De jeito nenhum – ela é grossa e redonda como um tronco de árvore”, disse o segundo cego, apalpando a perna do elefante. “Não, ela é grande e chata”, disse o terceiro cego, tocando a barriga do bicho. Cada cego conseguia sentir apenas uma parte do elefante – nenhum deles era capaz de ver o elefante todo.⁵

Essa visão epistemológica não somente conflita, mas também critica tudo e todos aqueles que se opõe ao seu conceito pressuposicional como arrogante, pois não adere à tolerância adequadamente exigida no diálogo em um mundo plural.

Mais recentemente, a pós-modernidade tem criticado este conjunto de pressupostos, contendo que não somos de fato objetivos em nossa busca do conhecimento, mas interpretamos a informação por meio de nossas experiências pessoais, interesses próprios, emoções, preconceitos culturais, limitações da linguagem, e comunidades relacionais. A objetividade é arrogante diz a pós-modernidade, e inevitavelmente leva a conflitos entre as comunidades de opiniões diferentes quanto a onde se encontra a verdade.⁶

Ampliando esse conceito, Mohler afirma que a base para a fundamentação da verdade no pós-modernismo é a construção social, onde *“grupos sociais constroem sua própria “verdade” para servir a seus próprios interesses. E o que é “verdadeiro” para um grupo não é necessariamente “verdadeiro” para outro grupo”* (2011, p. 127).

Tim Keller atesta essa premissa em suas interlocuções em Nova Iorque no início da plantação da Igreja Redeemer.

Todas as afirmações morais e espirituais são produto de nosso momento histórico e cultural específico e, por isso, ninguém deve afirmar conhecer a verdade, já que ninguém é capaz de julgar se uma afirmativa sobre a realidade espiritual e moral é mais verdadeira que outra.⁷

⁵ KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo. Como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 34.

⁶ CARSON, D. A. KELLER, Timothy. *O evangelho no centro*. Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 370.

⁷ KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo. Como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 35.

Segundo Keller, essa afirmação encontra suporte na afirmação do sociólogo Peter L. Berger, em sua sociologia do conhecimento.

Gostamos de pensar que pensamos por nós mesmos, mas não é tão simples assim. Pensamos como aqueles que mais admiramos e dos quais precisamos. Todos pertencem a uma comunidade que reforça a credibilidade de algumas crenças e desincentiva outras. Berger observa que muitos concluíram a partir daí que, por estarmos presos a nossos ambientes históricos e culturais, é impossível julgar a correção ou o equívoco de crenças concorrentes.⁸

Nesse ponto, James Sire apresenta a trajetória decrescente da legitimidade para a obtenção da verdade pela cultura, pois, há “o movimento da 1) aceitação “pré-moderna” da metanarrativa escrita por Deus e revelada na Escritura para a 2) metanarrativa “moderna” da razão universal que produz a verdade sobre a realidade para a 3) redução “pós-moderna” de todas as metanarrativas a jogos de poder” (2018, p. 244).

Finalmente, para alcançar os objetivos deste trabalho, Sire discorre sobre a intencionalidade da ética num contexto pós-moderno. Já que a gradação negativa se iniciou no abandono do absoluto na pré-modernidade, para uma ética estabelecida por critérios meramente científicos e, derradeiramente, para uma moralidade baseada em meras considerações de opinião cultural, a ética pós-moderna é o desenvolvimento do relativismo cultural presente anteriormente em outras cosmovisões e, a afirmativa de que a verdade é aquilo que se decreta ser, ao bel prazer do indivíduo.

Não há nada em nosso âmago, exceto o que nós mesmos colocamos lá, nenhum critério que não tenhamos criado no decorrer da criação de uma prática, nenhum padrão de racionalidade que não seja um apelo a esse critério, nenhuma argumentação rigorosa que não seja obediente às nossas próprias convenções.⁹

Isso é perceptível na visão de sociedade construída pelos judeus no tempo da dinastia de Acabe, rei de Israel e registrada pelo autor do livro dos Reis de Israel (1Rs 16.29-34). O primeiro passo que Acabe deu para a negação da realidade da verdade foi rejeitar o temor do Senhor, pois, “Acabe, filho de Onri, fez o que era mau aos olhos do Senhor, mais do que todos os reis que vieram antes dele” (1Rs 16.30). Uma vez que a realidade de uma verdade universal e absoluta havia sido negada, o conhecimento dessa verdade ficou restrita ao sujeito. Acabe estabeleceu a sua própria verdade, mesmo tendo conhecimento do autorreferencialmente absurdo no qual estava se submetendo. Ele 1) “tomou por mulher Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios”; 2) “serviu Baal e o adorou”; 3) “Levantou um altar a Baal, no templo de Baal que tinha edificado em Samaria”; 4) “fez também um poste da deusa Aserá, de maneira que

⁸ KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo. Como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 35.

⁹ SIRE, James W. *O universo ao lado*. Um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2018. p. 246.

cometeu mais abominações para irritar o Senhor, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que vieram antes dele” (1Rs 16.31-33). Como consequência da edificação de uma nova epistemologia baseada no sujeito, a ética do povo foi alterada de forma drástica, pois, o autor de Reis nos diz que, “Em seus dias, Hiel, o betelita, edificou Jericó. Quando ele lançou os alicerces da cidade, morreu Abirão, seu filho primogênito; e, quando colocou os portões, morreu Segube, seu filho mais novo, segundo a palavra do Senhor, anunciada por meio de Josué, filho de Num” (1Rs 16.34).

Se não há uma verdade absoluta, não há a possibilidade de uma comunicação autoritativa a partir da pregação. Isso destrói a base autoritativa do pregador em sua tarefa de proclamar o evangelho como a única verdade. Portanto, é necessário buscar respostas que possam confrontar essa cosmovisão latente na cultura a fim de oferecer respostas significativas e fundamentar a autoridade desse ofício proclamatório.

2.2. O AUTORREFERENCIALMENTE ABSURDO DO PÓS-MODERNISMO EM RELAÇÃO À REALIDADE DA VERDADE

Como o conceito de verdade relativa pode ser confrontado como uma oferta plausível às respostas centrais da condição humana a fim de assegurar a legitimidade da tarefa da pregação em qualquer cultura? Talvez a pergunta que precise ser elaborada neste momento é aquela feita por Pilatos diante da crucificação do Senhor da igreja, acerca do que é a verdade? E uma segunda, decorrente dessa, sobre a possibilidade de conhecer a verdade?¹⁰ Entende-se que estas são respostas que vão além do escopo pretendido por este trabalho, mas, o presente trabalho partirá do princípio de que a rejeição dela nos moldes atuais leva a uma crise, como afirmada por Richard D. Phillips quanto a pós-modernidade, de que ela “*não consegue crer ou viver segundo suas próprias crenças (pois) não tem nada em que crer, incluindo sua própria descrença, a despeito da dolorosa necessidade de saber e de crer*” (2013, p. 33). Segundo ele, essa rejeição irracional da verdade não obtém um resultado neutro, pelo contrário, ao invés de levar o homem à liberdade, o conduz a cair nas mãos dos ídolos, pois, o transforma em um agente da verdade, moldando-o a partir dos pensamentos, sentimentos, escolhas e ações próprias e não da realidade transcendente.

¹⁰ Uma boa argumentação sobre uma abordagem cristã da verdade é oferecida por Richard D. Phillips em seu artigo intitulado – “Podemos conhecer a verdade?”. CARSON, D. A. KELLER, Timothy. *O evangelho no centro*. Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 34-45.

Nancy Pearcey é de grande valia na comprovação desse último fato para a desconstrução do conceito relativo presente na pós-modernidade. Ela apresenta um retrato bíblico dessa verdade ao analisar o capítulo primeiro de Romanos em busca de estabelecer paradigmas nos quais possa se identificar os ídolos presentes em quaisquer cosmovisões a fim de oferecer uma alternativa viável pelo cristianismo para que a autoridade da pregação seja reafirmada num mundo hostil ao conceito de autoridade.

O primeiro ponto proposto por ela, num total de cinco princípios, é identificar o ídolo na cultura. A sua argumentação é que *“por uma questão de pura lógica, qualquer explicação da vida deve ter um ponto de partida, deve traçar o universo de volta até que funcione como a realidade primordial, a causa autoexistente de todo o restante”* (PEARCEY, 2018, p. 34).

Em sua análise ao primeiro capítulo de Romanos, ela vai identificar essa realidade definitiva do homem em sua escolha por adorar a criatura em lugar do criador (Rm 1.23, 25). O homem substituiu a adoração a Deus por aves, répteis e quadrúpedes. Richard D. Phillips diz que a idolatria do pós-modernismo está presente no reverso do modernismo (CARSON; KELLER, 2013, p. 35). Enquanto o substituto de Deus na modernidade era a razão como fundamento para a verdade através da ciência, na pós-modernidade é o próprio ego humano, finito e falível que dá as cartas quanto àquilo que é plausível.

O segundo critério é identificar o reducionismo¹¹ do ídolo com um comportamento reprovável, pois, segundo ela,

os ídolos sempre levam a uma visão inferior da vida humana. A bíblia ensina que os seres humanos são feitos à imagem de Deus. Quando uma cosmovisão troca o Criador por algo da criação, também trocará uma visão elevada dos seres humanos feitos à imagem de Deus por uma visão menor dos seres humanos, feitos à imagem de algo da criação.¹²

Em Romanos essa expressão é percebida a partir da declaração de Paulo quando diz que a mudança de adoração resultou em similaridade com aves, répteis e quadrúpedes, tornando o ser humano, que foi feito a imagem e semelhança de Deus, a comparação de meros seres irracionais, nulos em seus raciocínios e com uma disposição mental reprovável (Rm 1.21, 28; cf. Sl 115.5-6).

¹¹ Segundo Pearcey, o reducionismo é um *“termo filosófico que significa reduzir um fenômeno a partir de um nível mais elevado ou mais complexo da realidade a um menor, mais simples e menos complexo – a fim de desmascará-lo ou desacreditá-lo”*. O exemplo apresentado é o conceito de materialismo que reduz a pessoa a um mero objeto privando-o de sua personalidade. PEARCEY, Nancy. *A busca da verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 36.

¹² PEARCEY, Nancy. *A busca da verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 35.

Como Richard D. Phillips atesta, o erro do pós-modernismo é “*rejeitar a verdade revelada sobre Deus, e assim, perverter como os seres humanos recebem a verdade*” (2018, p. 38), incluindo a revelação sobre a salvação e a capacitação progressiva para a santificação.

Terceiro, ela testou o ídolo naquilo que ele contradiz acerca do que se sabe sobre o mundo, pois, “*qualquer pretensão de verdade deve estar em sintonia com a revelação geral*” (2018, p. 37), aquilo que sabemos naturalmente de mundo.

Paulo em Romanos é categórico em afirmar que “*o que se pode conhecer a respeito de Deus é manifesto entre (os homens), porque Deus lhes manifestou. Porque (...), claramente se reconhecem, desde a criação do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que Deus fez*” (Rm 1.19-20).

O erro do pós-modernismo é não perceber a verdade atrelada à realidade daquele que é transcendente “*cercando-os por evidências*” (PEARCEY, 2018, p. 25) na graça comum. Segundo Richard D. Phillips o pós-modernismo reduziu o mundo “*a mera projeção da mente humana*” (CARSON; KELLER, 2013, p. 36), quando negaram a verdade que estava presente na realidade transcendente que é Deus.

Quarto, ela testou o ídolo naquilo que ele contradiz a si mesmo.

Visões de mundo centradas em ídolos não só deixam de corresponder ao mundo externo, mas também entram em colapso internamente. Elas são autorrefutáveis. O termo técnico é autorreferencialmente absurdo, o que significa que propõem um padrão para a verdade que elas próprias não conseguem atender.¹³

Essa verdade pode ser exemplificada diretamente ao pós-modernismo em que, “*uma pessoa pode propor relativismo cultural, que afirma não existir uma verdade universal. Mas essa declaração em si já é uma afirmação universal. Assim ela se contradiz*” (PEARCEY, 2018, p. 39).

Timothy Keller, citando Peter Berger diz que “*o relativismo absoluto só pode existir se os relativistas excluírem a si mesmos da própria crítica*” (2015, p. 36). A explicação dele é que “*se inferirmos a partir do condicionamento social de toda crença que “nenhuma crença pode ser encarada como verdade universal por todo mundo”, só isso já será uma afirmação abrangente sobre todo mundo, produto das condições sociais*” (2015, p. 36).

Tim Keller ainda, quanto a percepção dessa singularidade imposta pelo relativismo à cultura cita a antropóloga Carolyn Fluehr-Lobban quando em sua reação diante da análise de

¹³ PEARCEY, Nancy. *A busca da verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 39.

abusos contra mulheres em algumas sociedades para comprovar a inconsistência de seu argumento.

Os antropólogos continuam a expressar um forte apoio ao relativismo cultural. Uma das questões mais polêmicas nasce da pergunta fundamental: Que autoridade temos nós, ocidentais, de impor ao restante da humanidade nosso próprio conceito de direitos universais? [... Mas] o argumento dos relativistas culturais é muitas vezes usado por governos repressores para se esquivarem da crítica internacional à violência que praticam contra seus cidadãos [...] Acredito que não devemos deixar que o conceito de relativismo nos impeça de utilizar os fóruns nacionais e internacionais para examinar maneiras de proteger a vida e a dignidade dos indivíduos de todas as culturas [...] Quando existe escolha entre a defesa dos direitos humanos e a defesa do relativismo cultural, os antropólogos devem optar por proteger e promover os direitos humanos. Não podemos ser meros espectadores.¹⁴

Keller afirma que o grande problema descrito acima é que a autora não responde a sua própria questão que se torna autorreferencialmente absurda.

Essa verdade também pode ser vista em Romanos. Ao adorarem os ídolos, os homens se consideraram sábios, mas ao fim se tornaram tolos em seus pensamentos e obras, recebendo a justa punição de Deus em sua ira (Rm 1.22).

Quinto, ela substituiu o ídolo propondo uma “*alternativa bíblica para cosmovisões*” (PEARCEY, 2018, p. 39) a partir do cristianismo.

... o cristianismo oferece respostas melhores – respostas que se encaixam no mundo real e são coerentes entre si. Porque uma cosmovisão bíblica começa com um Criador transcendente, ela não deifica qualquer coisa na criação. Por isso, não é necessário entulhar tudo dentro de um conjunto limitado de categorias derivadas de uma parte cósmica. O cristianismo nos liberta de qualquer reducionismo de negação à vida, que desonra e degrada a humanidade. Ele reafirma a grande honra dos seres humanos como pessoas completas, feitas à imagem de um Deus pessoal.¹⁵

O cristianismo propõe uma abordagem mais consistente a respeito da verdade que possa redundar numa defesa da legitimidade da autoridade da pregação no diálogo com a sociedade circundante?

2.3. A SINGULARIDADE DA VERDADE NA TAREFA DA PREGAÇÃO

Mohler diz que “*a tradição cristã entende que a verdade foi estabelecida por Deus,*

¹⁴ KELLER, Timothy. *A fé na era do ceticismo. Como a razão explica Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 181-182.

¹⁵ PEARCEY, Nancy. *A busca da verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 40.

sendo conhecida por nós mediante a autorrevelação de Deus na Escritura. A verdade é eterna, fixa e universal” (2011, p. 126).

Richard D. Phillips diz que *“a resposta ao desafio de nosso tempo certamente não está em nos afastar do testemunho bíblico para argumentar com complicadas teorias de epistemologia e hermenêutica”* (CARSON; KELLER, 2013, p. 49), mas buscar uma abordagem que reflita a pureza e credibilidade desta Palavra revelada ao mundo por intermédio de Jesus Cristo.

Nesse ínterim, as quatro respostas da fundação da coalisão evangélica àquilo que ela denomina de crise cultural da verdade servem como base para os propósitos deste capítulo na fundamentação do testemunho do pregador numa verdade absoluta como base que antecede o diálogo com a cultura predominante. A primeira afirma que a verdade é correspondente à realidade.

Creemos que o Espírito Santo, que inspirou as palavras dos apóstolos e profetas também habita em nós, de maneira que os que foram feitos à semelhança da imagem de Deus podem receber e entender as palavras da Escritura reveladas por Deus, e compreender que as verdades da Escritura correspondem à realidade. As declarações da Escritura são verdadeiras, precisamente porque são declaradas por Deus, e elas correspondem à realidade ainda que nosso conhecimento dessas verdades (e até mesmo nossa capacidade de verificá-las para os outros) é sempre e necessariamente incompleto. A crença do Iluminismo de que houvesse um conhecimento objetivo fez um ídolo da razão humana não auxiliada. Porém, negar a possibilidade de conhecimento puramente objetivo não significa a perda da verdade que corresponde à realidade objetiva, ainda que nunca consigamos conhecer essa verdade sem um elemento de subjetividade.¹⁶

Para Phillips essa *“epistemologia evangélica e cristã começa afirmando que a verdade corresponde à realidade (porque) Deus criou a realidade e a sustenta por seu governo e sua providência constantes”* (CARSON; KELLER, 2013, p. 35).

Essa proposição reestabelece o fundamento de absoluto no qual a tarefa da pregação pode se firmar diante de um mar de ideias.

A segunda resposta tem a ver com a fonte e o conteúdo da verdade, pois houve uma revelação deliberada da parte daquele que é a realidade da humanidade.

... a verdade é transmitida pelas Escrituras. Creemos que a Escritura é penetrantemente proposicional e que todas as declarações da Escritura são completamente verdadeiras e autoritativas. Mas a verdade da Escritura não poderá ser exaurida em uma série de proposições. Ela existe nos diversos gêneros de narrativa, metáfora e poesia, que não são destiláveis exaustivamente em proposições doutrinárias, contudo elas transmitem a

¹⁶ CARSON, D. A. KELLER, Timothy. O evangelho no centro. Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 370-371.

vontade e a mente de Deus a nós de modo a nos transformar à sua semelhança.¹⁷

A terceira resposta faz a equivalência com a ética ou a moralidade, com o estabelecimento daquilo que é certo e errado dentro de uma sociedade plural e rebelde para com a vontade de seu Criador.

Afirmamos que a verdade é a correspondência da vida de Deus. Verdade não é apenas uma correspondência teórica como também um relacionamento factual. A revelação bíblica não deve ser apenas conhecida, como também vivida (Deuteronômio 29.29). O propósito da Bíblia é produzir em nós a sabedoria – uma vida inteiramente submissa à realidade de Deus. Portanto, a verdade é correspondência entre toda nossa vida e o coração, as palavras e os atos de Deus, pela mediação da Palavra e do Espírito. Eliminar a natureza proposicional da verdade Bíblica enfraquece seriamente nossa capacidade de portar, defender, e explicar o evangelho. Porém, falar da verdade como sendo apenas proposições enfraquece a apreciação do Filho encarnado como o Caminho, a Verdade, e a Vida, e o poder comunicativo da história narrada, bem como a importância da verdade vivida de maneira verdadeira, em correspondência a Deus.¹⁸

A quarta afirmação engloba e resume aquilo que foi declarado anteriormente em três subpontos na forma como esta verdade é aplicada no processo de transformação à imagem e semelhança de Jesus Cristo. A primeira abordagem ressalta o princípio reformado da sola Scriptura.

Adotamos uma “disciplinada” teoria de correspondência da verdade que é menos triunfalista que em alguns dos círculos evangélicos mais antigos. Mas também rejeitamos uma visão da verdade que a enxergue como nada mais que uma linguagem internamente coerente de uma fé-comunidade específica. Assim, mantemos, com aquilo que esperamos seja humildade apropriada, o princípio de sola Scriptura.¹⁹

A segunda abordagem ressalta a aplicação dessa verdade a proclamação do evangelho e do cumprimento da Grande Comissão em fazer discípulos ensinando-os e batizando-os.

Embora a verdade seja proposicional, não é algo apenas para ser crida, como também recebida em adoração e praticada em sabedoria. Tal equilíbrio forma nosso entendimento do discipulado e da pregação. Queremos encorajar uma paixão pela sã doutrina, mas sabemos que o crescimento cristão não é simples transferência de informação cognitiva. Crescimento cristão ocorre somente quando toda a vida é moldada pela prática cristã em comunidade – incluindo oração, Batismo, a Ceia do Senhor, comunhão entre irmãos e o ministério público da Palavra.²⁰

A terceira abordagem descreve a percepção de Deuteronômio 29.29.

¹⁷ CARSON, D. A. KELLER, Timothy. O evangelho no centro. Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 371.

¹⁸ Ibid. p. 371.

¹⁹ Ibid. p. 371-372.

²⁰ Ibid. p. 372.

Nosso conhecimento teórico da verdade de Deus é apenas parcial mesmo quando acertado, mas podemos ter a certeza de que aquilo que a Palavra diz é verdade (Lucas 1.4). É mediante o poder do Espírito Santo que recebemos as palavras do evangelho em plena segurança e convicção (1 Tessalonicenses 1.5).²¹

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O objetivo do presente capítulo foi analisar como a ênfase dada por Parker na tarefa da pregação contribui para o diálogo com a cultura da época, uma vez que a verdade é a base e o conteúdo no qual se proclama a mensagem do evangelho. Para tal, identificou-se que o grande obstáculo para o diálogo é exatamente a desconstrução da realidade da verdade no pós-modernismo de forma acentuada, ao ponto da negação do conceito dessa realidade pelos seus proponentes.

Uma vez observado isso, buscou-se pelo diálogo com Nancy Pearcey identificar os ídolos presentes nesse sistema, para desconstruir a afirmativa maliciosa dessa cosmovisão que se opõe ao evangelho de Jesus Cristo, através da inconsistência demonstrada por esse ídolo moderno, que se mostra paradoxalmente oposto àquilo que promete como esperança de redenção aos seus adeptos. Se a verdade não pode ser universal, então, a afirmativa do pós-modernismo também é uma falácia. Mesmo que se negue a verdade como absoluta, ela se encontra arraigada na Palavra de Deus, como revelação de Jesus Cristo, o filho de Deus, senhor e redentor daqueles que se aproximam com fé.

A conclusão, portanto, é que Parker está correto em afirmar que a tarefa da pregação é um testemunho a respeito da realidade da verdade que se encontra explicitado na vida e obra do senhor Jesus Cristo como a expressão do absoluto último, pois, revela a responsabilidade e o padrão pelo qual a veracidade desse anúncio tem que ser submetido. Isso sustenta a tarefa da pregação em solo firme e evita um possível desvio na tratativa pela busca em dialogar com a cultura predominante da época.

Já que a verdade foi estabelecida como antecedente fundamental ao diálogo com a cultura, qual outro componente precisa ser abordado para tal tratativa? O próximo capítulo se aterá a compreender a legitimidade da proclamação dessa testemunha num contexto hostil a autoridade.

²¹ CARSON, D. A. KELLER, Timothy. O evangelho no centro. Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 372.

3. A AUTORIDADE DA PREGAÇÃO NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO

O objetivo do presente capítulo é analisar a relevância da tarefa da pregação a partir da legitimidade do comissionamento do pregador como um embaixador devidamente chamado e autorizado a proclamar a verdade do evangelho como base para um diálogo com a cultura de sua época, entrincheirada contra todo o indivíduo ou instituição que arrogue para si uma declaração objetiva de verdade, salientando que o “*discurso cristão é uma atividade humana com a autoridade divina*” (EDGAR, 2000, p. 66).

Os efeitos positivos dessa proposição se mostram pertinentes na restauração da relevância da tarefa da pregação diante da sociedade e da igreja, em seu processo de aculturação, pois, insiste na asseveração de que há indivíduos encarregados de transmitir uma verdade objetiva em prol da reconstrução da ordem nos vários setores que compõem a existência do cosmo pela mediação redentora de Jesus Cristo.

O proponente a ser confrontado ainda é o pós-modernismo, não na sua caracterização diametralmente oposta a verdade absoluta, mas em seus desdobramentos a partir da declaração de um de seus ícones, Michel Foucault, que alega que qualquer verdade que se mostre absolutamente universal serve tão somente aos valores de determinados indivíduos na sua perpetuação no poder pela manipulação direta das massas, em opressão e ilusão. Essa afirmação fere diretamente o direito do cristianismo de propalar as verdades recebidas de seu mestre na Grande Comissão (Mt 28.16-20), pois, o engloba dentro de uma categoria totalitária e subjetiva diante da cultura como qualquer outra pressuposição presente no século, incapaz de apresentar soluções cabíveis aos problemas existenciais da humanidade.

Nesse íterim, a interlocução com Alister McGrath, na interlocução com Nancy Pearcey, se mostrará pertinente, na análise do pensamento proposto por Foucault, na identificação do ídolo presente nessa sistematização, bem como, o reducionismo de mundo apresentado e a sua contradição proposicional, que assevera a sua inconsistência e, por fim, uma proposta alternativa encontrada no cristianismo com respeito à verdade como indicadora de opressão e ilusão.

Uma vez estabelecido estes pontos de forma satisfatória, o capítulo proporá uma abordagem dialogal sobre a percepção da autoridade como mecanismo de dominação num primeiro momento. Posteriormente, a análise da visão foucaultiana da autoridade como forma de poder e, por fim, a plausibilidade do comissionamento do apóstolo Paulo em sua biografia endereçada aos gálatas, a fim de entender, os efeitos que o pensamento pós-modernista causam sobre o testemunho da pregação e, a sua tentativa de invalidar a sua tarefa missional.

3.1. A AUTORIDADE COMO MECANISMO DE DOMINAÇÃO

Além de Parker identificar a testemunha como responsável pela veracidade daquilo que apregoa, tendo as Escrituras como a verdade absoluta na tarefa da pregação, ele também aponta um outro desafio que se refere a perda da base da autoridade dessa pregação diante dos pressupostos da cultura de sua época. Ele diz que *“o pregador moderno não mais acredita ser um profeta. Ele deixou de falar como porta-voz de Deus, e fala apenas como um homem que oferece conselhos religiosos, e exortações a seus semelhantes”* (2016, p. 131). O parâmetro que tem para essa comparação é a análise do caráter da pregação no período da Reforma e a declaração de P. T. Forsyth que diz que *“já houve época em que a autoridade do pregador era suprema... hoje em dia, por mais renomado que seja, sua opinião carrega tão pouca autoridade que não é apenas ignorada, mas ridicularizada”* (2016, p. 132).

Um dos diagnósticos que ele faz para essa decadência de autoridade na proclamação do evangelho é a mudança de eixo no entendimento do comissionamento desse pregador. Parker diz que uma das constatações para a irrelevância dessa tarefa é a mudança no cenário religioso, no qual o pregador deixou de se ver como um embaixador comissionado para se fundamentar em qualidade próprias. Essa asseveração é perceptível quando ele diz que *“a autoridade do pregador não se baseia em qualquer qualidade que ele possua, seja ele um bom teólogo, um psicólogo compassivo ou orador comovente”* (2016, p. 132), mas, no chamado divino para essa tarefa.

Mohler reitera essa afirmação, mas acrescenta a esse conceito a deliberação da Palavra de Deus como criadora e mantenedora desse ministério quando diz que *“a autoridade do pregador não está na profissão, nem na posição, nem na personalidade. Está unicamente na Palavra de Deus”* (2011, p. 91).

Além dessas verdades, um outro ponto precisa ser destacado diante dos desafios para a autoridade do pregador em proclamar o evangelho como uma testemunha diante da cultura de sua época. Além de embasamentos errôneos quanto ao comissionamento, há também a percepção da desconstrução do caráter dessa atividade presente especialmente no empenho da pós-modernidade em enfraquecer e desacreditar toda e qualquer pessoa que se levante como autoridade diante da alegação de manipulação das massas pelo benefício próprio.

Esse espírito cético da cultura em nossa geração é captado corretamente por Albert Mohler no discurso de Michel Foucault, um dos expoentes do pós-modernismo ao lado do filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), ao afirmar que *“aqueles que estão em*

autoridade usam sua autoridade para permanecer no poder e satisfazer seus próprios interesses” (2011, p. 132).

Keller também cita Foucault para reiterar essa afirmação dizendo que a verdade é inevitável, pois *“a verdade é algo deste mundo. Só se produz múltiplas formas de restrição, aí incluídos os efeitos habituais do poder”* (2015, p. 65).

A tarefa da proclamação do evangelho é tida como representante desse autoritarismo absolutista que sempre será interpretado como uma expressão de intolerância.

Alister McGrath desenvolve essa afirmação corretamente pois entende que *“o pós-modernismo tem aversão endêmica às questões sobre verdade, crendo que a noção de “verdade é, na melhor das hipóteses, ilusória e, na pior opressiva”* (2007, p. 159).

A base de sua alegação se coaduna com a descrição que Nancy Pearcey faz na identificação de um ídolo dentro da cultura. Para ela, a proposição de qualquer cosmovisão que se levante contra a verdade cristã é sempre caracterizada por um reducionismo daquilo que se sabe, pela revelação geral, sobre o mundo que ela se propõe a analisar. Nesse caso, segundo McGrath, a visão de mundo do pós-modernismo *“insiste em que não é possível agir coerentemente com respeito ao mundo, pela razão fundamental de o mundo ser uma coleção de fragmentos perpetuamente mutáveis em vez de ser um todo unificado, estável e coerente”* (2007, p. 159).

Nessa percepção a verdade é suprimida pelas características inerentes a este movimento como a ausência de valores e regras apregoadas pelo subjetivismo, relativismo, individualismo e pluralidade. Por conseguinte, eliminar a espontaneidade e a liberdade de expressão por um absoluto soa como repressão ou ilusão.

Essas características impressas pelo pós-modernismo à conjugação da verdade, como presente no cristianismo, segundo McGrath, é repressiva, pois, entende que ela *“(força a ordem sobre algo intrinsecamente desordenado) e ilusória, pois, (ignora como o mundo realmente é). Correção política sugere que a ideia de “verdade” pode chegar perto de fascismo intelectual”* (2007, p. 159), que, de modo geral pode ser considerado como a indisposição à abertura do diálogo a partir do respeito à percepção da verdade inerente ao outro, ou presente no sistema predominante na cultura em determinado local, da verdade imposta totalitariamente ao debate.

Essa visão confronta diretamente à proposição da pregação cristã que está diretamente comprometida com o anúncio de uma cosmovisão, ou metanarrativa que se sobrepõe as demais, arrogando a si, o direito, pela revelação transcendente da verdade, o direito de ser única.

McGrath prossegue dizendo que essa afirmação de repressão e ilusão se fundamenta na análise do filósofo americano Allan Bloom²², que diz que,

O perigo [...] não é o erro, mas a intolerância. O relativismo é necessário para a abertura; e esta é a virtude, a única virtude, à proclamação da qual, por mais de cinquenta anos, toda a educação primária se dedica. Abertura – e o relativismo que a torna a única posição plausível em face de várias pretensões à verdade e dos vários estilos de vida e tipos de seres humanos – é a grande descoberta de nossos tempos. O verdadeiro crente é o perigo real. O estudo da história e da cultura ensina que todo o mundo estava louco no passado; os homens sempre julgavam estar certos, e isso os levou a guerras, perseguições, escravidão, xenofobia, racismo e chauvinismo. O importante não é corrigir os erros e realmente estar certo; é não pensar, de maneira nenhuma, que você está sempre certo.²³

Essa grande descoberta baseada no relativismo paradoxalmente inverso à crença de estar convincentemente certo, de se apoiar num absoluto, encontra voz em Michael Foucault, um dos principais expositores do pós-modernismo, que alega que o propósito da verdade é o exercício do poder para obter controle sobre as classes, onde “...todas as afirmações quanto à verdade são construídas para servir àqueles que estão no poder... uma estrutura conveniente de pensamento que tenciona oprimir aqueles que não tem poder.” (MOHLER, 2011, p. 127).

McGrath amplia esse conceito em sua abordagem sobre o pensamento da verdade em Foucault.

Para Foucault, há uma linha direta de ligação entre verdade e poder. A “verdade” pode sustentar sistemas de repressão, ao identificar padrões aos quais as pessoas podem ser forçadas a se conformar. Assim, o que é “louco” ou “criminoso” não depende de nenhum critério objetivo, mas sim dos padrões e interesses de quem está em autoridade. Cada sociedade tem suas “políticas gerais de verdade”, que contribuem para os seus interesses fixados.²⁴

Essas políticas gerais de verdade que contribuem para os interesses previamente fixados em cada sociedade revela o caráter substancialmente impregnado de relativismo na cultura pós-moderna e atinge em cheio as afirmações do cristianismo de ser a religião verdadeira, o meio pelo qual o homem pode se chegar a Deus por intermédio de Jesus Cristo, pois se, as alegações de Foucault forem tomadas como verdadeiras, a tarefa da testemunha em sua proclamação passa

²² Allan David Bloom foi um filósofo e professor americano, influenciando por Platão, Rousseau, Nietzsche e Leo Strauss. Seu trabalho exerceu uma forte influência sobre o movimento conservador norte-americano. Tornou-se notório por suas críticas político-filosóficas à cultura. Ele é um dos mais reconhecidos e importantes estudantes do filósofo alemão Leo Strauss. Um de seus alunos mais conhecido é Francis Fukuyama. Disponível em <<https://www.skoob.com.br/autor/17630-allan-bloom>>. Acesso em: 26 out 2021.

²³ MCGRATH, Alister. Paixão pela verdade. A coerência intelectual do evangelicalismo. São Paulo: Shedd, 2007. p. 159-160.

²⁴ MCGRATH, Alister. Paixão pela verdade. A coerência intelectual do evangelicalismo. São Paulo: Shedd, 2007. p. 162.

a ser nada mais do que proselitismo religioso, a fim de alcançar objetivos predefinidos, de impor a verdade de determinado gueto a outro mais frágil e desprotegido.

Portanto, para Foucault, *“a verdade serve, assim, aos interesses da sociedade, perpetuando sua ideologia, e fornecendo uma justificativa para o aprisionamento ou eliminação dos que contradizem seu ponto de vista geral”* (MCGRATH, 2007, p. 162) e o papel do intelectual no pós-modernismo é *“desconstruir as afirmações quanto à verdade para libertar a sociedade”* (MOHLER, 2011, p. 127).

Se o cristianismo deseja prosseguir em sua tarefa proclamatória como uma testemunha de Jesus Cristo, ele precisa identificar os ídolos presentes nesse sistema cultural e confrontá-los para manter a fim de manter a relevância de seu caráter perante a cultura. Mas, onde e como a natureza da proposição foucaultiana pode ser confrontada e rechaçada visando a manutenção do diálogo com a sociedade?

3.2. A FALÁCIA DA VERDADE COMO INSTRUMENTO DE PODER

Dentro do escopo proposto por Nancy Pearcey para a identificação e o desmascaramento de sistemas pressupicionais inconsistentes, Alister McGrath reitera que a alegação de Foucault sobre a negação de uma verdade absoluta, que não seja aquela tão somente inerente ao relativismo cultural, encontra grandes problemas de sustentação. Numa análise nos escritos do próprio Foucault, ele identifica a falácia de seus argumentos.

A segunda falácia diz respeito ao reducionismo encontrado na proposição de Foucault quanto a repressão, onde o aspecto de força é caracterizada apenas como um atributo da injustiça e, não compreendido como pertencente ao campo da justiça. McGrath, citando Hélé Béji, diz que *“a única coisa que a justiça compartilha com a injustiça é que ambas precisam ser exercidas com a autoridade da força”* (2007, p. 165).

Segundo McGrath, mesmo uma visão libertária e espontânea precisa ser concebida e impulsionada levando em conta a natureza caída do homem, redirecionada a partir da Queda, para os seus próprios interesses em detrimento da liberdade e espontaneidade do outro. A espontaneidade da ação em direção a Deus e ao próximo não é voluntária, precisando então da ação direta da verdade como absoluta como o condicionador da conduta na sociedade.

Esse ponto é reiterado pela filosofia política de Thomas Hobbes e Jeremy Bentham quando reconhecem *“explicitamente que os seres humanos são deficientes em altruísmo e,*

portanto, requerem a ameaça de coerção para incentivá-los a buscarem interesses majoritários em vez de os próprios interesses” (MCGRATH, 2007, p. 165).

Nesse ínterim, a tarefa da pregação encontra a sua autorização, na compreensão de que a força imposta pela verdade não é um aspecto apenas negativo, de autoritarismo opressor, que domina e manipula as massas visando apenas o bem-estar de alguns, mas, também positivo, de condicionamento para a construção de uma ética sadia, diante de uma sociedade sem princípios norteadores para a jornada.

A terceira tratativa se atém a analisar a concepção de mundo a partir da verdade como um exercício de poder sobre as classes, quando McGrath afirma que *“Foucault é incapaz de oferecer qualquer padrão normativo pelo qual a pessoa possa distinguir regimes sociais aceitáveis (como o democrático-liberal) dos regimes inaceitáveis totalitários”* (2007, p. 165). A sua visão de mundo se torna inaceitável por determinar apenas a existência do ser como validadora da verdade.

Citando Richard Rorty, ele diz que diante dessa abordagem o que precisa ser reconhecido é que

Nada há no profundo do nosso interior, exceto o que nós mesmos pusemos ali; nenhum critério que nós não tenhamos criado no decorrer da elaboração de uma prática, nenhum padrão de racionalidade que não seja um apelo a esse critério, nenhuma argumentação rigorosa que não seja obediente a nossas convenções.²⁵

O problema da ausência desse padrão para muitos pós-modernistas, segundo McGrath, é que eles precisam oferecer oposição a problema morais que não se coadunam com o seu pensamento de liberdade e espontaneidade, pois, atestam que esses sistemas totalitários, são, de certa forma incongruentes com a lei presente em seus corações (Rm 2.14-16) os acusando de que algo está fora do eixo central.

A quarta quanto a contradição daquilo que ele mesmo afirma.

por meio dos escritos de Foucault, encontramos uma crença apaixonadamente de que a repreensão está errada. O próprio Foucault está assim comprometido com um valor moral objetivo – que a liberdade é para ser preferida à repressão. A crítica de Foucault da moralidade realmente pressupõe certos valores morais. Atrás de sua crítica da ética convencional está um conjunto oculto de valores morais, e um compromisso, ainda não reconhecido, com eles. A crítica de Foucault dos valores morais da sociedade parece deixá-lo sem nenhum valor moral de si mesmo – entretanto, sua crítica de valores sociais repousa sobre seus valores morais, intuitivamente aceitos (em vez de explicitamente

²⁵ MCGRATH, Alister. Paixão pela verdade. A coerência intelectual do evangelicalismo. São Paulo: Shedd, 2007. p. 166.

reconhecidos e teoricamente justificados), que ele claramente espera que seus leitores compartilhem.²⁶

Aquilo que McGrath deseja transmitir é que nenhuma análise é neutra²⁷. Livre de pressupostos preexistentes no ser. Todos eles estão previamente compromissados com uma visão de mundo. São concebidos a partir do par de lentes que se tem como confiáveis. Os de Foucault são bem delineados acima. Ele “*faz um apelo ao sentimentalismo, em vez de apelar à razão*” (MCGRATH, 2007, p. 163).

Aqui se encontra o pressuposto do pregador. Onde ele pode se ater para reverberar a sua mensagem. Uma vez que a verdade foi tida como correspondente, numa causalidade entre afirmação e a realidade, então ele pode pautar a sua autoridade a partir da autoridade revelacional de Cristo o comissionando.

A quinta análise diz respeito a proposta oferecida pelo cristianismo como alternativa para a inconsistência de Foucault.

O cristianismo segue a ideia de que toda a verdade está atrelada também a uma concepção de poder, a fim de pôr debaixo do domínio de autoridade toda a criação, quer seja, em cima nos céus ou embaixo na terra. Essa “*soberania absoluta, essa autoridade [exousia] denota a concessão divina de seu poder e autoridade para agir*” (KIRSCHNER, 2009, p. 113). A diferença capital da descrição desse poder autoritativo está em seu propósito. Se o pós-modernismo é avesso a qualquer tipo de autoridade fascista, totalitária e absurda, como mecanismo de manipulação das massas, o evangelho não somente segue o mesmo caminho de oposição a esse *status quo* como propõe o único caminho de redenção plausível para a restauração de um cosmo desordenado e entregue a desilusão por suas próprias experiências traumáticas.

A declaração que reflete a natureza dessa redenção pode ser encontrada no evangelho de Mateus, na descrição de Jesus Cristo como o Messias esperado pelos judeus e de toda a terra. R. V. G. Tasker afirma que “*este evangelho começou com uma afirmação de que Jesus era da linhagem real de Davi, e registrou que, enquanto ainda criança, foi reconhecido como “Rei dos judeus” pelos astrólogos vindos do oriente*” (1988, p. 217).

²⁶ MCGRATH, Alister. Paixão pela verdade. A coerência intelectual do evangelicalismo. São Paulo: Shedd, 2007. p. 163.

²⁷ O princípio de neutralidade é o pressuposto que opera em toda a discussão dos incrédulos e infelizmente também na maioria dos sistemas apologéticos evangélicos. Você deve reconhecer que esta prática é quase universal no pensamento moderno. A neutralidade e a dúvida, como o seu similar, são por muito tempo, princípios indiscutíveis no conflito do mundo moderno com o cristianismo. Isto é assim especialmente desde o Iluminismo. A mentalidade moderna demanda neutralidade como seu pressuposto operativo geral. BAHNSEN, Greg L. *O mito da neutralidade*. <https://cc.bingj.com/cache.aspx?q=neutralidade+teologia&d=5062838987720364&mkt=pt-BR&setlang=en-US&w=5SFcKpV3Wz_-UCfY-2Yd3CPcYWrCdR22>. Acesso em: 26 out 2021.

Estevan F. Kirschner afirma que esse “*tema da autoridade de Jesus não é estranho (pontual) ao evangelho de Mateus. A autoridade de Jesus é demonstrada em seu ensino (Mt 7.29), em sua capacidade de perdoar pecados (9.6, 8) e de revelar Deus Pai (11.27)*” (2009, p. 113). E prossegue com a afirmação do próprio Jesus Cristo, bem antes de sua crucificação que “*tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar*” (Mt 11.27).

Além de corroborar com essa afirmação, William Hendriksen, acrescenta que essa autoridade ministerial terrena antes de sua ressurreição e ascensão estava de certa forma restringida.

Antes de seu triunfo sobre a morte, o uso desse dom estava sempre restringido de algum modo. Por exemplo, deveria dizer ao leproso que não desse a conhecer que ele estava curado (8.4). Os cegos a quem foram abertos os olhos recebem uma ordem parecida (9.30). Ele se abstém de pedir ao Pai que envie legiões de anjos para socorrê-lo (26.53). Certamente que ele mesmo não deseja ser socorrido, mas a autorrestrição é também restrição. Sem dúvida, ele ressuscita dentre os mortos os seguintes: a filha de Jairo, o filho da viúva em Naim e Lázaro. No momento da sua morte, alguns dos santos foram ressuscitados. Ainda, porém, que tudo isso fosse certamente espantoso, não é o mesmo que exercer realmente um poder ilimitado sobre o céu e a terra, fazendo-o proclamar por toda parte sem nenhuma restrição e então, no final dos séculos, ressuscitar todos os mortos e julgar todos os homens.²⁸

O que Hendriksen salienta é que essa autoridade limitada e restrita é agora ilimitada e irrestrita pois, “*é a investidura do Cristo ressuscitado com essa soberania sem restrições e universal que Jesus agora reivindica para si e que especialmente dentro de uns poucos dias, depois de sua ascensão ao céu, começa a exercer* (2009, p. xx). Tasker segue esse mesmo pensamento ao declarar que “*depois de ser crucificado com “Rei dos judeus”, ressuscitou dos mortos; e em seu estado glorificado como o Cristo ressurreto, sem reservas arroga-se a posse da completa autoridade no céu e na terra*” (1988, p. 217).

Uma das consequências arrogadas por Cristo em seu domínio sobre principados e potestades e registradas pelo evangelista Mateus está na conclusão apontada pela palavra *portanto*, no v. 19. Porque a ele foi dada toda a autoridade nos céus e na terra, ele comissiona as suas testemunhas, “*não como fizera no seu ministério anterior, ao cumprimento de uma missão restrita, às “ovelhas perdidas da casa de Israel”, mas a todas as nações*” (TASKER, 1988, p. 218).

Esse envio ressalta a importância da autoridade na restauração da ordem baseada na justiça de quem está enviando, Jesus Cristo, porque oferece oposição aos problemas morais que

²⁸ HENDRIKSEN, William. Mateus: Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010. p. xx.

se levantam como autoritários na sociedade e não podem ser tão simplesmente reprimidos pela força externa, mas precisam de ação interna para serem alterados. O cristianismo se faz relevante nesse momento pois reconhece que o maior problema do homem não é a falta de educação ou de oportunidades, mas o mal moral que habita nele, o fazendo estar absorto pelo seu próprio pecado e dirigido pelo seu coração redirecionado diametralmente oposto à verdade revelada e requerida para a justiça promotora da ordem.

Philip Ryken, alega que a consistência do cristianismo está em revelar o pecado latente em nosso coração afirmando que a *“nossa depravação é tal que cada parte de cada ser humano está deformado pelo pecado. [...] O pecado corrompe nossos corações [...] Ele corrompe nossa vontade para que não escolhamos o que é bom”* (2015, p. 67-68).

Mas, o cristianismo não somente revela o mal, como algo danoso e com consequências drásticas, mas apresenta também a solução moral que o pós-modernismo tem falhado em propor de forma sólida e robusta e, por isso, toma o caminho de subterfúgios, da negação da realidade. A solução devida para o restabelecimento da ordem é a justiça conquistada por Cristo por meio de sua vida e obra. Por meio de sua vida ele *“obedeceu perfeitamente a lei e, desta forma, completou a aliança que havíamos rompido em Adão”* (RYKEN, 2015, p. 75). Por meio de sua morte, *“quando Jesus foi crucificado no Calvário, levou sobre si a punição que merecemos, sofrendo a ira santa e justa maldição de Deus contra o nosso pecado”* (RYKEN, 2015, p. 75). A aplicação dessa verdade sobre a vida e obra realizada em seu ministério terreno arroga consequências maravilhosas para aqueles que se aproximam com fé, entre elas, a possibilidade de criticar e julgar moralmente qualquer sistema, em qualquer época, com parâmetros sólidos.

Essa crítica moral oferecida pelo cristianismo, diferentemente da análise pós-modernista de Foucault, só se faz possível pelo reconhecimento explícito e teoricamente justificado no testemunho do evangelho na vida, morte, ressurreição, ascensão e domínio sobretudo a partir da obediência de Jesus Cristo, em detrimento de uma análise fundamentada sobre valores morais subjetivos, sendo intuitivamente aceitos e, dependentes da aprovação de seus iguais. Portanto, a autoridade arrogada por Jesus Cristo em sua morte, mas, principalmente após a sua ressurreição, traz um fundamento sólido para o pregador em sua tarefa de dialogar com a cultura de sua época, independente da cosmovisão predominante, pois, compreende que a objeção a autoridade de sua pregação num contexto pós-moderno se esfacela diante da alegação sólida da autoridade promulgada pelo cristianismo no comissionamento de suas testemunhas.

3.3. O COMISSIONAMENTO PESSOAL NA TAREFA DA PREGAÇÃO

Essa plausibilidade pode ser encontrada na epístola de Paulo aos gálatas (Gl 1.11-2.14), onde ele apresenta a sua autobiografia a fim de reafirmar e dirimir quaisquer dúvidas que possam pairar sobre a autoridade com que anuncia o evangelho advinda do seu comissionamento como apóstolo de Jesus Cristo. Essa biografia proporciona o fundamento adequado para se apoiar como uma testemunha fidedigna e autoritativa de Jesus Cristo.

A fim de entender como Paulo delinea a sua autoridade em seu comissionamento firmado no chamamento autoritativo de Jesus Cristo, e conseqüentemente espelhar essa verdade à tarefa da pregação, Philip Graham Ryken propõe um esboço que divide essa carta em três partes. A primeira delas se refere aos capítulos 1 e 2, e narram a autobiografia espiritual do apóstolo. A segunda, nos capítulos 3 e 4, apresentam a sua teologia firmada na justificação somente pela fé, o que serve de base para a sua exortação aos gálatas. E a terceira, nos capítulos finais, como uma proposta de aplicação do que foi exposto anteriormente. De forma geral, Ryken resume essa epístola a partir daquilo que Deus fez na vida do apóstolo, dominando a experiência de sua vida inteira, e, conseqüentemente na vida de cada eleito. No ensino proclamado para esta nova vida como o único absoluto para a reconciliação do homem com Deus e, por último, na maneira pela qual se deve viver a partir dessa transformação. Esse escopo é pertinente à compreensão da autoridade do pregador como base que antecede a sua tarefa proclamatória, pois ela delinea a forma como o apóstolo Paulo comprovou a legitimidade de sua tarefa como testemunha de Jesus Cristo na proclamação do evangelho diante de seus opositores. Isso fica evidente no comentário de Ryken quanto ao propósito do apóstolo Paulo em narrar a história de sua vida no início de sua carta como base para exortar aqueles que eram os seus destinatários, pois, ele *“compreendeu que as pessoas precisavam aceitar seu apostolado antes de aceitarem o seu evangelho”* (2018, p. 30).

Bryan Chapell, em sua obra *Pregação Cristocêntrica*, ao citar os princípios de Aristóteles, quanto a tarefa da retórica diz que, a tarefa da pregação, ou o discurso, precisa ser visto como uma escalada de três níveis, no qual se envolvem os princípios do Ethos, passando pelo Páthos, alcançando o Logos num caminho de mão dupla. Esse aspecto proposto por Aristóteles na tarefa da entrega da mensagem perpassa o conceito da Dialética, mas, vai além da simples argumentação na proclamação, pois, inclui dois outros aspectos para o desenvolvimento dessa prática em análise sendo que, a primeira refere-se à percepção da credibilidade do discurso aferido pelo caráter do orador e, a segunda, a inserção, observação e objetivação das emoções envolvidas no processo de transmissão do conteúdo, tanto no pregador

quanto nos ouvintes. Sendo assim, a intenção de declarar a sua autobiografia não é revelar a si mesmo, mas, descrever a transformação ocorrida em sua vida por intermédio do evangelho de Jesus Cristo e anunciada aos componentes das igrejas da Galácia asseverando o seu novo caráter, que não pode mentir (Gl 1.20).

Relembrado esse conceito, a primeira descrição de sua biografia é de que a sua autoridade não foi originada em qualquer proposição humana (Gl 1.11-12), mas se originou única e exclusivamente em Deus. Ele diz que em primeiro lugar, desde a sua juventude, ele era hostil a esta verdade apresentada pelo cristianismo (Gl 1.13-14). Segundo Keller, esse ponto específico da história de sua vida ajudou o apóstolo Paulo a fixar os limites de seu argumento contra aqueles que atacavam a sua vida, tarefa e mensagem, pois, apresenta um ponto de referência anterior à sua conversão para revelar o seu estilo de vida extremamente belicoso quanto ao cristianismo. Na lógica do apóstolo essa evidência se torna clara, pois, como alguém que se esforçava diligentemente para destruir o cristianismo agora pode endossá-lo e propô-lo como o único caminho pelo qual o homem rebelde pode se achegar a Deus? A sua resposta é que algo extremamente extraordinário aconteceu em sua vida para alterar as características que distinguiam os fundamentos de sua vida religiosa antes de ser um discípulo de Jesus Cristo. Em sua biografia ele relata os princípios de fé que regiam a sua antiga religião. Ele era um seguidor do judaísmo (Gl 1.13a), que supunha a salvação pela observação da lei de Moisés como qualquer outro sistema religioso não baseado tão somente na fé para a salvação. Um perseguidor ferrenho do cristianismo, entendido como um serviço ao próprio Deus de Israel, consentindo com a morte de uns, assassinando outros e, aterrorizando a fé de todos os que se mantinham alicerçados nesta esperança (Gl 1.13 b) e, por fim, um religioso extremamente zeloso das tradições dos seus pais (Gl 1.14b) excedendo em muito, na observação destes ritos aos que eram de sua própria idade.

Essa perspectiva biográfica de sua conversão é fundamental para a afirmação da autoridade do pregador numa cosmovisão pós-modernista de relativização da verdade, pois estabelece um absoluto válido para todas as épocas e serve como base para a refutação dos argumentos daqueles que acusam o cristianismo de ilusório ou opressor, pois, denuncia, enfraquece e desestrutura os pressupostos subjetivos presentes na cultura que se apresentam da seguinte forma relativista: *“isso é o que Paulo pensa – eis o que nós pensamos, e é tão válido quanto; a mensagem de Paulo é excelente, mas incompleta; a mensagem de Paulo é apenas a sua mensagem – não o que a igreja ensina em Jerusalém”* (KELLER, 2015. p. 28).

Se a transformação de vida experimentada por Paulo é a base inicial para comprovar a sua mensagem, então, ao mesmo tempo que é autoritativa é também excludente, pois nem todos são de fato filhos de Deus e chamados à proclamação.

Por um outro lado, se a conversão ao cristianismo produz uma mudança de vida e traz credibilidade ao caráter da pregação em sua tarefa, isso também é uma alegação de verdade em outras religiões, podendo inserir o cristianismo e suas reivindicações dentro do guarda-chuva do pluralismo religioso, como mais uma verdade sujeita à análise e aceitação do próprio ego. É somente o cristianismo que possui relatos de transformação de comportamentos na conversão de pagãos aos seus círculos? A Bíblia não é uma testemunha viva das práticas próprias ao judaísmo neotestamentário em seu proselitismo, na *“tentativa persistente de persuadir ou convencer outras pessoas a aceitar suas crenças”* (Mt 23.15a)?

Num primeiro momento, uma análise imediata e superficial pode ser proposta em defesa do pensamento subjetivista da cultura. Embora Jesus Cristo condene o farisaísmo dos líderes religiosos nesta prática (Mt 23.15), não há como descartar a realidade do foro íntimo para um correto julgamento da conversão alheia como pertencente à consciência da pessoa e o julgamento inerente a Deus que estão fora do alcance da percepção pública.

Por outro lado, há uma probabilidade mais contundente na qual o pensamento de Ryken pode ser baseado para a refutação desta controvérsia. Ele não toca o foro íntimo da consciência do indivíduo, mas infere, a partir da declaração da religião de Paulo, as nuances reveladas pelo coração como premissa para a análise de uma real conversão.

Não é de se estranhar que as religiões que os seres humanos inventam sempre acabam glorificando seres humanos. Há alguma lei para guardar, alguns ensinamentos a seguir, algum ritual para executar, alguma penitência para suportar, ou algum estado de consciência para alcançar que trará a salvação. De uma forma ou de outra, podemos subir ao céu e alcançar a Deus.²⁹

Para ele, embora a pessoa possa ser convertida de um sistema religioso para o outro, a premissa de adoração continua pautada na natureza própria do ser humano em sua tentativa sempre fracassada de se religar a Deus. Uma atitude de fora para dentro. Por outro lado, o conceito de conversão do cristianismo é totalmente diferente e autoritativo, pois afirma que o *“evangelho não ensina que podemos alcançar o céu; ensina que Deus desceu à terra. Em Cristo, Deus entrou na história humana e no coração humano”* (RYKEN, 2018, p. 34).

²⁹ RYKEN, Philip Graham. *Estudos bíblicos expositivos em Gálatas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 34.

Embora plausível, essa afirmação sozinha pode facilmente encontrar dificuldades em sua legitimação diante da necessidade de comprovação pela cultura circundante diante de correlatos de conversões em outras religiões.

Por isso, Paulo imediatamente interrompe o pensamento do relato de sua conversão e passa ao segundo argumento que se refere ao seu comissionamento como uma testemunha desse evangelho aos gentios, arrogando para si um chamado de origem divina. Isso é perceptível na sequência lógica de suas afirmações. Primeiro ele tem a certeza de que havia sido eleito em Cristo antes do seu nascimento (Gl 1.15a), e que por causa dessa eleição, aprovou a Deus chamá-lo pela graça (Gl 1.15b), e pela misericórdia divina revelar Cristo a ele, para que, pelo seu comissionamento à pregação da Palavra, pudesse revelar o evangelho aos gentios (Gl 1.16a).

Ryken afirma que esse chamado eficaz pela graça à Paulo não foi referente apenas a sua conversão, mas também, para uma tarefa específica, como uma ordem a proclamar o evangelho revelado a ele (Gl 1.16): *“O que Deus planejara para Paulo foi que ele levasse o evangelho aos gentios (...). Ele pregou Cristo aos gentios. Pregou a Cristo, crucificado e ressurreto; o mesmo (Cristo) que Deus lhe havia revelado”* (2018, p. 34).

Tim Keller diz que essa revelação de Jesus Cristo em Paulo tem uma dupla interpretação, *“por um lado, é evidente que Deus revelou Jesus a Paulo na estrada de Damasco. [...] Mas, por outro lado, Paulo imediatamente constatou que estava sendo chamado para mostrar a outros quem era Jesus”* (2015, p. 33).

Numa interlocução com Calvino, Parker afirma que a autoridade da pregação está desse modo, correlacionada com a simples referência do comissionamento do pregador pela ordenança de Deus. Num outro diálogo sobre a razão da pregação ser a Palavra de Deus, ele afirma que, *“o pregador foi enviado e comissionado por Deus como seu embaixador, aquele que tem autoridade para falar em seu nome”* (2016, p. 51). Parker ilustra esta verdade através de uma citação de Calvino.

Não devemos achar isso estranho, pois quando os servos de Deus assim falam, eles não atribuem nada para si, mas demonstram para que foram comissionados e qual responsabilidade lhes foi dada; então não se separam de Deus. Quando um homem é enviado de um príncipe possui toda a autoridade para fazer aquilo a que foi designado, e por assim dizer, toma emprestado o nome de seu príncipe, ele irá dizer: *“Nós fazemos isso; nós ordenamos; nós decretamos; nós desejamos que isso seja feito...”* Assim também o fazem os servos de Deus, pois sabem que Deus os tem ordenado como seus

instrumentos e que ele lhes usa para seu serviço, de modo que não fazem nada de sua própria habilidade, mas é o mestre quem lhes guia.³⁰

Ainda sobre esse comissionamento ele prossegue dizendo que,

Essa ordenança é uma comissão que Deus colocou sobre a igreja, e que a igreja cumpre no testemunho de cada crente professo, porém mais particularmente através de alguns indivíduos escolhidos por Deus e pela igreja. Portanto, o fundamento do nosso ministério de pregação é diferente de qualquer oratória secular. Enquanto a oratória secular se baseia na decisão do homem em pregar, seja ele o orador ou algum outro, a pregação se baseia na decisão de Deus. A igreja não escolheu essa forma de proclamação por parecer a melhor forma para o propósito, mas ela testemunha dessa forma porque o seu Senhor, Jesus Cristo, assim o ordenou. Isso é verdade para o pregador individual tanto quanto é verdade para a igreja.³¹

A natureza desse comissionamento colocado sobre os ombros da igreja e do pregador individual encontra guarida *“através da consciência interna do chamado do ofício de pastor pelo Espírito Santo, um chamado que é confirmado pelo pedido da igreja”* (PARKER, 2016, p. 51).

Apesar disso, Mohler relata uma perspectiva contrária à fundamentação dessa autoridade do pregador em seu comissionamento à tarefa da pregação como proveniente de Deus. Ao citar características que distinguem uma igreja em sua ênfase eclesiológica ele relembra a vocação principal da igreja que é a sua tarefa de proclamação e a autoridade que lhe é conferida a partir desse chamado. Ele relembra que *“Paulo não tornou-se a si mesmo um ministro, assim como não salvou-se a si mesmo e apareceu para si na estrada de Damasco. Ele foi convocado por outro e constituído apóstolo do Senhor Jesus e ministro da Palavra”* (MOHLER, 2011, p. 90). Para ele, esse é um ponto preponderante quanto a percepção da autoridade do ministro da Palavra de Deus e que está sendo corrompido pelo ambiente hostil em que a pregação se desenvolve, uma vez que, a cultura circundante reproduz o humanismo em seu cerne, com seus traços proeminentemente destacáveis. Esse humanismo que, em seu *“sentido (mais) amplo, valoriza o ser humano e a condição humana acima de tudo... (e faz com que) o teocentrismo ceda lugar ao antropocentrismo, passando o homem a ser o centro de interesse”*³², deturpa a forma do pregador enxergar e apoiar a sua autoridade em sua tarefa proclamatória. A grande questão levantada por Mohler é ratificado por Chapell quanto a questão de autoridade e sentido, quanto a segurança e aceitação. Se *“não há uma autoridade suprema em defesa da verdade, toda luta humana não tem valor fundamental, e a própria vida torna-se fútil”* (CHAPPELL,

³⁰ PARKER, T. H. L. Os oráculos de Deus. Uma introdução à pregação de João Calvino. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. p. 52.

³¹ Ibid. p. 129.

³² <<https://www.significados.com.br/humanismo/>>. Acessado em 14 out 2021.

2007, p. 23). Se o pregador se baseia em seus próprios pressupostos, como validar a autoridade de sua pregação num mundo completamente imerso em subjetivismo?

Posteriormente, ele retoma a ideia inicial de que o seu chamado não é de origem humana em pelo menos mais quatro asseverações. Primeiro, ele aprendeu o evangelho por instrução divina, na solidão do deserto da Arábia, por três anos (Gl 1.17). Segundo, apoiou o seu discurso no ensino dos apóstolos quando da sua primeira viagem à Jerusalém, pois esteve num breve período ali e se avistou apenas com Pedro e Tiago (Gl 1.18-24). Terceiro, ele reitera que não aprendeu posteriormente com os demais apóstolos quando retornou ali, apenas foi reconhecido como um igual, designado como apóstolo aos gentios (Gl 2.1-10). E, quarto, comprovando a sua tese, ele repreendeu a Pedro abertamente, pois, a atitude de Pedro desautorizava a sua mensagem aos gentios (Gl 2.11-14).

Essa autobiografia do apóstolo Paulo em sua narrativa aos gálatas é um princípio fundamental para refutar os ataques a autoridade de sua proclamação quanto ao evangelho que lhe foi revelado. Para Keller, essa revelação é o que distingue o cristianismo das outras religiões por ser mais do que apenas um assentimento intelectual pois envolve relacionamento e *“que esse relacionamento não lhe é dado com o intuito exclusivo do seu próprio conforto e alegria pessoal (mas, com) a responsabilidade de revelar Cristo a outros por meio de quem é, do que faz e do que diz”* (2015, p. 33).

CONCLUSÃO CAPÍTULO

O objetivo do presente capítulo foi analisar a relevância da tarefa da pregação a partir da legitimidade do comissionamento do pregador como um embaixador devidamente chamado e autorizado a proclamar as verdades do evangelho como base para um diálogo com a cultura de sua época, a fim de afirmar que o *“discurso cristão é uma atividade humana com a autoridade divina”* (EDGAR, 2000, p. 66). Para tal, o trabalho abordou de forma significativa a percepção da autoridade como mecanismo de dominação na interlocução com Michel Foucault, que afirma que toda verdade absoluta é, inextrincavelmente, produtora de opressão e ilusão, pois, segundo ele, restringe o pensamento individual diante de um outro, que se torna opressivo por ser universal e, ilusório, porque não representa a redenção esperada para os problemas sociais do homem em seu contexto. O que se torna deveras prejudicial ao cristianismo, por propor que a sua tarefa proclamatória se encaixa dentro deste perfil. Uma vez estabelecido o ponto de contato, o presente trabalho propôs-se a analisar a visão foucaultiana da

autoridade como forma de poder a fim de buscar a consistência de suas pressuposições, pela metodologia de Nancy Pearcey, pela ótica de Alister McGrath e, por fim, apresentou uma legitimação da autoridade do pregador pelo seu comissionamento, pela biografia apresentada pelo apóstolo Paulo aos gálatas, a fim de revelar que, a autoridade da verdade absoluta está pautada no evangelho, e que, o seu comissionamento o autoriza a apregoar a Jesus Cristo como a verdade autoritativa, carregada de poder para a restauração da ordem caótica promovida pelo pecado.

Uma vez que os antecedentes ao diálogo com a cultura foram estabelecidos, o próximo capítulo desenvolverá a percepção paulina em sua interlocução a partir do método proposto por William Edgar em suas quatro abordagens.

4. A TAREFA DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO.

Uma vez que os antecedentes ao diálogo com a cultura foram estabelecidos, quanto a veracidade da testemunha em sua proclamação arraigada nas Escrituras diante de uma sociedade cada vez mais imersa na relativização e, na legitimidade do comissionamento ao anúncio dessa verdade a uma cultura que é hostil a qualquer tipo de autoridade, o objetivo do presente capítulo é demonstrar que a tarefa da pregação não está completa tão simplesmente ao declarar Jesus Cristo como Senhor, mas, alcança o seu objetivo quando se debruça sobre a árdua tarefa de atribuir significado à proclamação desse evangelho à cultura no qual almeja alcançar.

Essa perspectiva pode ser percebida na narrativa que Lucas faz da proclamação de Paulo aos atenienses no campo de Marte, quando da sua segunda viagem missionária. Ali Lucas inicia o seu relato revelando a revolta do apóstolo em seu espírito ao observar a idolatria presente na cidade e seu subsequente anúncio do evangelho de Jesus Cristo na sinagoga, entre judeus e gentios, e, em praça pública (At 17.17). A consequência dessa proclamação foi a inquietação de alguns filósofos epicureus e estoicos que passaram a discutir com ele a respeito dessa mensagem, pedindo a ele explicações quanto aquilo que proclamava. Esse episódio retrata a normalidade do cristão em seu cotidiano, especialmente da tarefa da pregação, pois, ao anunciar que Cristo Jesus é Senhor, sobre tudo e todos, a cultura da época cobra uma explicação para tal singularidade religiosa no qual todos devem se render. Aqui, vê-se como Paulo unifica o seu testemunho a respeito do Senhor num diálogo franco e direto com aquela cidade estritamente plural e, por conseguinte, rebelde, revelando que a tarefa da pregação deve tomar esse rumo se deseja ocupar um lugar de proeminência no diálogo atual.

O problema visto nessa perspectiva é aquilo que C. S. Lewis afirma quanto ao dever de toda testemunha, incorrer no risco do mau pregador que é, ao invés de, *“apresentar aquilo que é atemporal [...] na linguagem específica de nossa própria época. [...] fazer exatamente o oposto: tomar as ideias de nossa época e as ornamentá-las com a linguagem tradicional do cristianismo”* (2018, p. 88).

Portanto, a junção dos dois termos enfatizados por Parker e Mohler, quanto a tarefa da pregação, a saber, a testemunha e a apologética, servem como base para uma proclamação robusta diante da sociedade e, ao mesmo tempo, resguardada de desvios. Como essa percepção paulina em sua interlocução com a cultura a partir do método proposto por William Edgar em suas quatro abordagens pode ser vista? Por que há a necessidade de anunciar o evangelho (Cristo e sua mensagem) ao mundo pós-moderno com o significado que lhe pertencem?

4.1. O DEVER DE APRESENTAR A RAZÃO DA ESPERANÇA NUM CONTEXTO PÓS-MODERNO

O apóstolo Pedro, em sua primeira epístola aos cristãos dispersos por causa da perseguição no império romano, salienta que apesar dos sofrimentos enfrentados por causa do amor a Jesus Cristo, o cristão não está eximido da responsabilidade de apresentar àqueles de sua própria época a razão pela qual creem e pautam a sua vida de acordo com o ensinamento desse que é tido como o Senhor de suas vidas mesmo num mundo hostil a fé cristã devido a pluralidade de opções nas quais se prostrar. Ele deve estar preparado para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que se tem (1Pe 3.15). Aquilo que Pedro deseja salientar é que o cristianismo não precisa se recear quanto ao diálogo com a cultura da presente época, pois, tem em sua natureza, consistência para dialogar com quem quer que seja, a partir de uma gama infinita de temas, sobre o significado e os propósitos inerentes à experiência humana, inclusive a respeito do sofrimento.

Essa exortação é vital à tarefa da pregação num contexto pós-moderno, pois, além de estabelecer parâmetros num presente espectro cultural tão difuso, confuso e sem esperança, restaura a proposição cristã de que o evangelho anunciado a eles é suficiente em todos os aspectos para a vida presente e futura e que, além do cristianismo não há vida.

Calvino alega ao comentar esse texto que devido as condições atribuídas ao cristianismo por seus detratores, o discípulo de Jesus deveria estar sempre pronto a dialogar pelo testemunho a respeito de sua fé.

Isto foi também requerido pela circunstância da época: o nome cristão era muito odiado e considerado infame; muitos criam ser esta uma seita perversa e culpada de muitos sacrilégios. Teria sido, pois, a mais terrível perfídia contra Deus se, quando indagados, eles negligenciassem o testemunho em favor de sua religião. E, como penso, este é o significado da palavra apologia, a qual Pedro usa, isto é, que os cristãos tinham que fazer evidente aos olhos do mundo que estavam muito longe de toda impiedade e que não corrompiam a verdadeira religião, e que por essa conta eram suspeitos aos olhos dos ignorantes.³³

Não há outra forma de fazer evidente aos olhos do mundo a essência do cristianismo a não ser pela disposição em dialogar com a cultura circundante. Paulo faz isso, quando ensina aos efésios que essa esperança, na qual Calvino interpreta como fé, por meio de uma metonímia, é o conteúdo principal desse diálogo com a época presente, pois, ele diz que em tempos antigos “eles (não somente os efésios, mas todos os que estão em Adão) *estavam sem Cristo, separados*

³³ CALVINO, João. *Epístolas Gerais*. São José dos Campos, SP: FIEL, 2015. p. 230.

da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12). Ou seja, Paulo diz que antes do evangelho, o homem vagava pelas incertezas da religião humana, na tentativa de reencontrar o caminho de reconciliação com Deus pelo próprio esforço humano, encontrando como obstáculo a si mesmo, em sua própria natureza pecaminosa, alheio a vontade de Deus em suas promessas reveladas por Jesus Cristo como um absoluto e, por isso, arremessado de um lado para o outro devido as constantes novidades quanto ao seu modo de viver e, conseqüentemente sem esperança, pois, está a sua própria sorte, sem o auxílio e ajuda de Deus.

Calvino reitera afirmando que *“Aqueles que não cultuam o verdadeiro Deus, por mais que multipliquem as modalidades de seus cultos, por mais que os ataviem com toda sorte de cerimônias, continuarão sem Deus! Porquanto adoram o que não conhecem”* (CALVINO, 2010, p. 249).

Lutero, na Dieta de Worms e, posteriormente em seus escritos, incorpora esse princípio. Após ser convocado e comparecer ao concílio para se retratar de seus escritos “infames”, Lutero reafirma as suas proposições dizendo que,

como Vossa Majestade e Vossas Altezas exigem de mim uma resposta simples, quero dar uma tal sem chifres e dentes. Caso não for convencido por testemunhos da Escritura e por motivos racionais evidentes — pois não creio nem no Papa nem nos Concílios, pois é evidente que erraram muitas vezes e se contradisseram —, estou convencido, pelas passagens da Sagrada Escritura que mencionei, e minha consciência está presa à Palavra de Deus e não posso nem quero revogar qualquer coisa, pois não é sem perigo nem salutar agir contra a consciência. De outra maneira não posso, aqui estou, que Deus me ajude, amém.³⁴

e continua, assim como Calvino e os Reformadores, num diálogo constante e frenético com uma cultura apóstata, mesmo que supostamente estivesse empunhando a bandeira do cristianismo.

Portanto, a prática do diálogo com a cultura deve ser visto como um dever inerente ao cristianismo a cada geração. Aquilo que precisa ser buscado e desenvolvido é *“uma sequência persuasiva de palavras que respondam aos desafios de uma cultura descrente”* (EDGAR, 2000, p. 44) a fim de apresentar o evangelho de forma sadia. O próximo ponto buscará empreender esse propósito.

³⁴ PRESBITERIANO, Agreste. *Lutero e a Dieta de Worms de 1521*. <<https://agrestepresbiteriano.com.br/lutero-e-a-dieta-de-worms-de-1521/>>. Acesso em: 01 nov 2021.

4.2. A NECESSIDADE DE UM MODELO APOLOGÉTICO PARA APRESENTAR A RAZÃO DA ESPERANÇA

Dentre muitos métodos que poderiam ser abordados para dialogar com a cultura descrente, o escolhido é aquele proposto por William Edgar em sua perspectiva pautada nas quatro realidades com o fim de apresentar o evangelho de forma coerente. A razão para tal escolha desse método apologético é porque ele se baseia não a partir de “*passos numa cadeia, mas, sim, de verdades tiradas de uma rica paleta de cores, que podem ser utilizadas com uma variedade de métodos*” (EDGAR, 2000, p. 56). Em outro lugar ele amplia essa descrição metodológica dizendo que “*a melhor apologética não é uma série de métodos secos, mas um discernimento sábio que garanta a espécie de flexibilidade certa para se trabalhar com a vida multidimensional de uma pessoa*” (EDGAR, 2000, p. 59). Isso pode ser exemplificado, quando Edgar se dispõe a revelar a inconsistência do sistema de crenças que aquela pessoa possui em relação a humanidade. A junção desse método, com aquele aplicado por Nancy Pearcey em sua tratativa em desmascarar o ídolo a partir de seus próprios pressupostos é não somente viável, mas complementar, possibilitando a ampliação daquilo que Edgar propõe, pois fortalece um dos quatro pontos dessa realidade. Diante desse fato, e tendo como objetivo estabelecer um padrão para a análise do diálogo, essas quatro verdades serão brevemente expostas para auxiliar na leitura feita pelo apóstolo Paulo em sua tarefa de dialogar com a cultura da época na cidade de Atenas (At 17.16-34).

Das quatro realidades, a primeira exposta por Edgar é a necessidade de se fazer um ponto de contato com os ouvintes a fim de se ter um ponto comum para o diálogo. Para Edgar, esse ponto comum capaz de pôr a tarefa da pregação e a cultura a qual ela se dirige num ponto de igualdade para o diálogo está presente naquilo que Calvino afirmava ser “*uma divina semente da religião*” (EDGAR, 2000, p. 57) presente no coração humano, que traz a percepção da consciência divina arraigada no coração de cada mortal e a impossibilidade da negação da religião por esses. Isso pode ser corroborado pela conclusão de Thomas Hobbes, citado por Hermistein Maia, quando concluiu que a religião é exclusividade do ser humano.

Verificando que só no homem encontramos sinais, ou frutos da religião, não há motivo para duvidar que a semente da religião se encontra também apenas no homem, e consiste em alguma qualidade peculiar, ou pelo menos em algum grau eminente dessa qualidade, que não se encontra em outras criaturas vivas.³⁵

³⁵ COSTA, Hermistein Maia Pereira da. *A Fortuna e a Providência: Maquiavel e Calvino, dois Olhares sobre a História e a Vida*. <3-A-fortuna-e-a-providência-Maquiavel-e-Calvino-dois-olhares-sobre-a-história-e-a-vida-Hermisten-Maia-Pereira-da-Costa.pdf (mackenzie.br)>. Acesso em 02 nov 2021.

Essa visão segundo Edgar, “*carrega consigo uma implicação essencial para a apologética: Temos um ponto de contato garantido com todos os seres humanos*” (EDGAR, 2000, p. 59). Ele prossegue,

é portanto, impossível evitar a religião. Sendo assim, quando tentamos argumentar em favor da fé cristã com os incrédulos, não estamos falando com aqueles a quem a existência de Deus seja estranha ou exótica. Quando nos aproximamos das pessoas com as reivindicações da verdade, estamos apelando para aquilo que elas conhecem, mas negam. Estamos pedindo que elas sejam como o filho pródigo e venham ao bom senso. Mais uma vez Romanos diz isso com clareza: “*porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou*” (1.19). A razão pela qual podemos ter as pessoas como responsáveis é que, embora elas neguem a Deus, sabem que Ele está ali. “*Porquanto, tendo conhecimento não o glorificaram como Deus nem lhe deram graças*” (1.21).³⁶

Quando Jotão, em Juízes 9.7-15, deseja iniciar o seu diálogo com os siquemitas, ele lança mão desse conhecimento religioso arraigado na consciência de seus contemporâneos. Embora fossem descendentes de Abraão, os moradores de Siquém agiram como verdadeiros incircuncisos ao permitir e consentir que Abimeleque assassinasse 70 dos filhos de Gideão (Jerubaal) e não levasse em conta aquilo que havia sido feito por essa casa na campanha contra os midianitas. O apólogo do rei-espigreiro é, portanto, uma denúncia a falta de “boa fé” e “sinceridade” por aqueles moradores, partindo do princípio que há uma ética comum inerente a eles que podem o julgar, já que, em Juízes a Lei revelada por Deus àquele povo por intermédio de Moisés, estava sendo negligenciada. Jotão está recordando aos siquemitas que aquilo que fizeram não deveria ser feito daquela forma devido à própria consciência deles.

O que Edgar propõe é que a tarefa da pregação não deveria estar preocupada em explicar a existência de Deus à cultura rebelde de sua época, mas recordá-los dessa existência, a partir do conhecimento explicitado na revelação geral.

A segunda realidade exposta por Edgar é aquela referente a revelação que a tarefa da pregação deve realizar no diálogo com a cultura da época. A tarefa principal dessa etapa é “*chegar ao terreno de uma pessoa descrente, a fim de revelar a dinâmica interior da visão do mundo que ela possui. O propósito é ajudá-la a ver como essa posição não oferece as respostas centrais para a condição humana*” (EDGAR, 2000, p. 60). Nesse ponto, o auxílio de Nancy Pearcey é fundamental na confrontação com a inconsistência do ídolo apresentado e sustentado pela cultura como a realidade da verdade em que se pode construir todo o edifício da vida humana. Para isso, ela propõe que o diálogo com a cultura rebelde parte do princípio da busca

³⁶ EDGAR, William. *Razões do coração: reconquistando a persuasão cristã*. Brasília: Refúgio, 2000. p. 59.

pela identificação do ídolo, analisando o reducionismo causado por essa prática, a inconsistência causada pelo conhecimento de Deus em sua revelação geral e pela inconsistência das alegações do próprio ídolo, que levam sempre à falência do sistema por ser autorreferencialmente absurdo.

O profeta Isaías quando profere palavras de consolo ao reino de Judá diante das múltiplas ameaças do exílio causadas pela dureza do coração do povo em trocar o Deus de toda terra por ídolos inanimados, explicita isso, ao revelar a inconsistência da adoração desse povo, quando se refere a prática do seu povo: *“O artífice anima o ourives, e o que trabalha com o martelo encoraja o que bate na bigorna, dizendo que a soldagem foi bem-feita. Então fixam tudo com pregos para que não oscile”* (Is 41.7). As suas palavras tinham como objetivo produzir encorajamento uns aos outros, mas ao fim, produzia aquilo que de fato eles estava experimentando, a derrota, o fracasso e a iminente deportação para longe da terra que lhes havia sido prometida e conquistada pelo próprio braço de Deus.

Edgar diz que a confrontação proposta nessa abordagem pode assumir diferentes matizes, seja na forma de exortação direta ou até mesmo num apelo de ternura. Por exemplo, quando Cristo é indagado pelas irmãs Marta e Maria a respeito do mesmo assunto, as respostas variam de acordo com aquilo que o Senhor almejava como resultado. Quando Marta pergunta: *“Se o Senhor estivesse aqui, o meu irmão não teria morrido”* (Jo 11.21), Jesus a confronta diretamente para revelar a ela aquilo que ela ainda não havia compreendido a respeito da identidade de seu Senhor e que a levava a beira do desespero por causa dos efeitos que a morte estava lhe causando na perda de seu irmão. Ele afirma que a aflição dá lugar a paz quando se percebe que Ele não é apenas um curandeiro, mas, *“a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente”* (Jo 11.25-26). Mas, quando Maria se aproxima e repete as mesmas palavras em sua indagação a sua resposta muda de tom: *“Quando Jesus viu que ela chorava, e que os judeus que a acompanhavam também choravam, agitou-se no espírito e se comoveu. E perguntou: — Onde vocês o puseram?”* (Jo 11.33-34). O consolo para a mesma situação que envolvia o luto é abordada com uma tratativa diferente. Maria precisava ser consolada diante da falta proporcionada pelo pecado na morte de seu irmão. Tim Keller ao comentar esse episódio afirma que *“Jesus dá a Marta o que poderíamos chamar de ministério da verdade. É disso que ela mais necessita no momento. De certa forma, ele a sacode pelos ombros com a verdade. “Ouça o que estou dizendo! Não se desespere. Estou aqui. Ressurreição. Vida. É isso que sou”* (2015, p. 74). Quanto a Maria, *“ele oferece o que poderíamos chamar de ministério das lágrimas. [...] Devido a sua identidade humana, ele está em posição suficientemente baixa para se envolver*

com a dor que ela sente – com total sinceridade e integridade – e chorar com ela” (2015, p. 74). Para Keller, todos precisam desses dois tipos de confrontação.

Portanto, a missão dessa etapa é revelar a loucura e a conformação de servir e adorar falsos ídolos por causa de sua inconsistência, quer seja apregoada por ímpios, quer seja sustentada por cristãos em sua caminhada de santificação.

A terceira realidade defendida por Edgar em seu sistema das quatro realidades é a necessidade de trazer de volta à verdade do evangelho àquele que está distante e agora, após a revelação da inconsistência de seu sistema de crenças, confuso e desorientado. Segundo Edgar, é preciso construir uma nova metanarrativa sobre aquela que foi arruinada. Para tal, um auxílio a essa tarefa seja apresentar a metanarrativa da criação, queda e redenção. Edgar resume as duas primeiras de forma objetiva quando diz que,

a história do evangelho começa e termina com Deus; todo significado está nele. De certa forma, Deus não tem significado, porque ele é o significado. O criador do universo, Deus, formou os seres humanos como portadores da sua imagem, que podem conhecê-lo, conversar com ele e amá-lo. Com tais privilégios vêm diversos deveres, o primeiro dos quais cumprir a vontade de Deus para nós. Isso fracassamos em fazer por causa de nossa rebeldia, e, como resultado, o mundo se corrompeu.³⁷

Segundo ele, devido a essa corrupção *“nossos relacionamentos – seja com Deus, um com o outro, com a terra, ou seja até mesmo com a nossa própria alma – tornaram-se quebrados, disfuncionais e carregados de culpa”* (EDGAR, 2000, p. 63). É necessário que algo ou alguém restitua a ordem causada pelo pecado.

Apontando para o evangelho, Jesus Cristo é aquele que restabelece a ordem mediante sua encarnação, vida e obra, e a oferece gratuitamente ao pecador como a justificação de seus delitos e pecados perante o Pai.

A parte crucial da história é que essa terrível condição foi remediada através da restituição que Deus fez. Em seu grande amor por nós o Pai enviou Jesus Cristo para se tornar um de nós e levar as consequências de nossa condição sobre si mesmo. Pelo Espírito Santo, Jesus dá os benefícios do que ele fez a todo o que vem a ele com humilde fé. Ao final da história, o mundo será plenamente renovado com a paz, reinando a justiça de Deus sem impedimento.³⁸

A tarefa dessa etapa, segundo Pearcey, em seu quinto argumento, é apresentar uma alternativa consistente à crença acabara de ser confrontada e derribada por falta de robustez. A tarefa da pregação não deve temer assumir esse papel, pois é devidamente fundamentada e solidificada sobre a rocha, que é Jesus Cristo.

³⁷ EDGAR, William. *Razões do coração: reconquistando a persuasão cristã*. Brasília: Refúgio, 2000. p. 63.

³⁸ Ibid. p. 63-64.

A quarta etapa revelada por Edgar é referente a questão entre a verdade e a plausibilidade, onde essa última tem um significado diferente daquela apresentada comumente nos dicionários, referente a uma possibilidade, mas com a denotação de “*algo confirmado ou tornado evidente e concreto*” (2000, p. 64). O que ele deseja afirmar nessa etapa, entrelaçada as três primeiras é que, “*o conhecimento não ocorre no abstrato*” (EDGAR, 2000, p. 65), mas precisa ser “*confirmada por claras evidências*” (EDGAR, 2000, p. 65). Isso é reiterado por Haddon Robinson em seu manual de homilética quando diz que,

o fato de uma afirmação estar escrita nas páginas de um livro encadernado em couro não o torna válido, necessariamente. Pelo contrário, a Bíblia afirma a realidade como ela existe no universo, conforme Deus o fez e conforme ele o governa. Esperamos, portanto, que as afirmações da Escritura estejam demonstradas no mundo ao nosso redor. Não se quer dizer com isso que estabelecemos a verdade bíblica mediante o estudo da sociologia, astronomia ou arqueologia, mas sim, que os dados válidos destas ciências apoiam a verdade ensinada nas Escrituras.³⁹

O que Robinson deseja ressaltar é que a verdade afirmada pela Palavra de Deus é de fato atestada pela revelação geral estampada na criação que Ele mesmo trouxe a existência *ex nihilo*. Enquanto a pregação está em seu diálogo com a cultura, essas evidências precisam ser trazidas à tona para validar a verdade que está sendo apresentada.

Jesus é enfático no entrelaçamento da verdade com a plausibilidade. No sermão do monte, ao afirmar sobre a relevância do cristão no mundo, Ele faz uso da evidência da luz e do sal (Mt 5.13-16). Quando discorre sobre a extensão temporal da lei de Deus revelada em sua Palavra, Ele recorre a letra e ao sinal de menor tipografia no alfabeto hebraico (Mt 5.17-20). Quando se refere ao ensino da ira, traz a realidade do inferno presente na religião judaica daquele tempo como forma de punição eterna contra o não cumprimento aos mandamentos de Deus (Mt 5.21-26).

Embora Edgar afirme a necessidade dessa relação entre esses termos, ele faz uma ressalva. Ele diz que “*a plausibilidade e a verdade são relacionadas, mas não são estritamente à mesma coisa. Muitos argumentos são demonstração perfeita de algo que é válido, mas não na verdade crível aos ouvintes*” (2000, p. 68). Somente quando a tarefa da pregação se põe no lugar do outro, é que de fato há o início de uma comunicação eficaz que, pela ação do Espírito Santo, desembocará numa transformação.

Portanto, a tarefa dessa etapa é trazer à tona, perante os olhos, aquilo que foi devidamente explicitado aos ouvidos, como forma de persuasão ao evangelho.

³⁹ ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos*. São Paulo: Shedd, 2002. p. 89.

O objetivo adiante, é aplicar essa metodologia ao diálogo travado por Paulo e o seu auditório ateniense, no campo de Marte, como forma de comprovação de que as ênfases sustentadas por Parker e Mohler quanto a tarefa da pregação não são excludentes, mas complementares na estruturação do diálogo com a sociedade, onde a ênfase no testemunho estabelece a verdade e a legitimidade da pregação, e, a apologia, o método pelo qual esse testemunho pode ser aplicado de forma eficaz, debaixo da orientação do Espírito Santo.

4.3. O INTERLÚDIO ENTRE O PEDIDO E A APRESENTAÇÃO DA RAZÃO: O DIÁLOGO COM O ÍDOLO.

Uma vez que se estabeleceu um método suficientemente razoável para a construção de um diálogo com a cultura rebelde que é alvo da tarefa da pregação, o objetivo presente é perceber como essa proposta de testemunho apologético pode ser aplicável as futuras proclamações desse evangelho às culturas as quais a igreja está sendo enviada a testemunhar em seu grande comissionamento. A base dessa análise está fundamentada na observação do testemunho do apóstolo Paulo no areópago, em Atenas, quando cumpria a sua segunda viagem missionária, iniciada em Antioquia, a fim de saber se Paulo apenas anunciou esse evangelho como testemunha, ou ele, partindo dessa premissa, uniu a esse anúncio o diálogo com a cultura a sua volta a fim de revelar a inconsistência daquele sistema de crenças, baseada numa pluralidade de ídolos.

No primeiro momento de seu anúncio do evangelho no areópago, Paulo estabelece o ponto de contato com os atenienses, fixando a sua abordagem a partir do ponto comum a todos os povos e nações que é a religiosidade, o senso impresso por Deus no coração do homem de adorar ao seu criador Paulo e, não através de um diálogo com a filosofia de epicureus e estoicos. Nos versículos 22 e 23, Paulo, uma vez convocado pelos atenienses a apresentar as razões de sua esperança, apresenta uma sequência lógica. Ele diz que “(*percebeu*) *que em tudo (eles eram) bastante religiosos*” (At 17.22b) e, a razão dessa percepção era a observação prévia feita em seu caminhar pela cidade e encontrar um altar que tinha “*a seguinte inscrição: “AO DEUS DESCONHECIDO”*” (At 17.23). A sua percepção era que os atenienses estavam em busca de Deus, em sua religião, e, embora esse Deus não estivesse longe, eles ainda estavam tateando em sua procurar por não encontrarem a Jesus Cristo como o fiel e único mediador (At 17.27).

O início de sua pregação a respeito da revelação de Jesus Cristo a uma cultura idólatra tem a compreensão que todo o diálogo, para ser eficaz, precisa partir de um ponto comum de interesse. Paulo se aplica a dialogar a partir da religiosidade daquela cultura em foco.

Essa mesma religiosidade como ponto de contato foi vista no evangelho de João, quando do diálogo de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço de Jacó (Jo 4.1-42). A água do poço foi a mediadora para revelar a água que jorra para a vida eterna, que é o próprio Jesus Cristo, e, revelar a busca do coração daquela mulher samaritana, que era o desejo de descobrir qual o significado de sua adoração, mesmo embora fosse membro de um povo que desde o reinado de Jeroboão, tinha abandonado a observância da Torá e o culto ao Deus de Israel (1Rs 12.25-33). Esse é o apontamento indelével em seu coração que se faz presente em todos, independente da cultura pertencente. D. A. Carson, diz que *“a descoberta da mulher de que Jesus é algum tipo de profeta judeu a leva a levantar o ponto destacado de debate teológico entre judeus e samaritanos, [...] para demonstrar sua consciência religiosa [...]”* (2007, p. 222).

Para Calvino o homem pode ser definido como *Homo religiosus* por causa do senso da divindade implantado nele pelo seu Criador, o que explica a própria existência da idolatria, combatida por Paulo, a inconsistência da religião ser fruto direto da imaginação e obra humana, e, do ateísmo puro. Calvino diz *“que existe na mente humana, e na verdade por disposição natural, certo senso da divindade, que pode ser considerado como além de qualquer dúvida”* (2006, p. 47, v. 1). Portanto conclui ele, que *“desde o princípio do mundo nenhuma região, nenhuma cidade, enfim nenhuma casa tenha existido que pudesse prescindir da religião, há nisso uma tácita confissão de que no coração de todos jaz gravado o senso da divindade”* (2006, p. 47, v. 1).

Tim Keller apresenta essa expressão moderna do senso da divindade que move a todos à adoração no discurso de formatura na faculdade Kenyon, redigido e proferido pelo escritor norte-americano David Foster Wallace.

Todo o mundo adora. A única escolha que nos cabe é o que adorar. E a razão que nos constrange a talvez escolher algum tipo de deus [...] para adorar [...] está no fato de que praticamente todas as outras coisas que você adora o comerão vivo. Se adorar dinheiro e bens, caso eles estejam onde você encontra real sentido na vida, você jamais os possuirá em quantidade suficiente, jamais sentirá que tem o bastante. É a verdade. Adore o próprio corpo, a beleza e atração sexual e sempre se sentirá feio. E, quando o tempo e a idade começarem a se mostrar, você sofrerá um milhão de mortes antes de [seus entes queridos] enfim o enterrarem [...]. Adore o poder e acabará se sentindo frágil e temeroso, necessitado de ainda mais poder sobre os outros para anestesiá-lo o próprio medo. Adore seu intelecto, sendo visto como alguém inteligente, e acabará se sentindo estúpido, uma fraude, sempre prestes a ser descoberto. Olhe, essas formas de adoração são traiçoeiras não porque sejam

más ou pecaminosas, mas porque são inconscientes. São configurações-padrão.⁴⁰

O ponto de contato para toda pregação. O início de sua pregação a respeito da revelação de Jesus Cristo a uma cultura idólatra tem a compreensão que todo o diálogo, para ser eficaz, precisa partir de um ponto comum de interesse. Paulo faz isso ao ressaltar a religiosidade latente daquela cidade em sua adoração a uma divindade desconhecida, representada em um altar.

Num segundo momento, em sua proclamação a respeito do Cristo ressurreto aos atenienses, Paulo faz menção ao reducionismo da divindade, daquele que é o Criador de todas as coisas. Ele diz que “*não se deve pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação humana*” (At 17.29a), no entendimento de que a grandeza de Deus não pode ser mensurável a partir de qualquer representação dele, pois o denigre em sua glória e majestade devidas.

O Salmo 115 apresenta um paralelo quanto ao que Paulo está afirmando no areópago. No versículo primeiro, o salmista diz que toda a glória é devida única e exclusivamente ao Senhor, devido, primeiramente a sua misericórdia e fidelidade e, nos versos 2 e 3, porque ele habita nos céus, sendo o totalmente outro, ornado de majestade, soberania e poder, diferente dos outros deuses que são adorados pelos pagãos, por serem obras de mãos humanas.

Mas, é Calvino quem amplia esta questão ao afirmar que a imagem produzida pelo artífice não faz jus a imensurabilidade da grandeza do ser de Deus. Primeiro ele cita Moisés em Deuteronômio 4.15 para dizer “*como Deus opõe abertamente sua voz a todas as representações, para que saibamos que, todos quantos buscam para ele formas visíveis, dele se apartam*” (2006, p. 101, v. 1). Em segundo lugar, ele cita o profeta Isaías (Is 40.18; 41.7, 29; 45.9; 46.5) que ensina “*que a majestade de Deus é maculada [...], quando o incorpóreo é nivelado à matéria corpórea, o invisível à representação visível, o espírito à coisa inanimada, o imenso a um pequeno pedaço de madeira, pedra ou ouro*” (2006, p. 101, v. 1).

Ao mesmo tempo que essa prática reduz a glória de Deus a patamares ínfimos, ela também causa um reducionismo na imagem de Deus estampada no homem, pois, opera transformações profundas naqueles que se prostam em adoração diante desse ídolo, redirecionando a imagem e semelhança divina, para outra, produzida pelo ídolo, que torna o adorador sem vida e inútil, como o objeto a que se curva.

Esse embrutecimento pode ser contemplado na declaração do Salmo 115. Nele, o salmista relata que os ídolos das nações são inanimados, “*são prata e ouro, obra de mãos*

⁴⁰ KELLER, Timothy. *Encontros com Jesus: respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 52.

humanas. Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram; têm mãos e não apalpam; têm pés e não andam; [...]” (Salmos 115.4-7). E que, aqueles que confiam nesses ídolos se tornarão “*semelhantes a eles*” (Salmos 115.8). Halan Harman, comentando esse texto diz que, “*o povo que cria e cultua tais ídolos de prata e ouro será justamente tão ineficaz quanto esses mesmos deuses*” (2011, p. 390). De forma paradoxal, o restante do salmo ratifica que os que confiam no Senhor Deus, serão abençoados e libertos de suas angústias e temores.

Esse reducionismo, tanto da divindade quanto do homem podem ser vistos na prática hinduísta de sacralização da vaca como um ídolo, pois, o Deus de toda terra é simbolizado por uma de suas criaturas irracionais, e, o homem, coroa dessa criação, se torna menor e menos relevante do que um animal que lhe foi dado ordem de dominar para o seu bem-estar e, para a glória de Deus (cf. Gn 1.26, 28).

no sistema de castas que ainda vigora na sociedade indiana, a vaca é considerada mais “pura” até do que os brâmanes (indivíduos pertencentes à casta mais elevada, dos sacerdotes) – por isso, não pode ser morta nem ferida e tem passe livre para circular pelas ruas sem ser incomodada. O leite do animal, sua urina e até mesmo suas fezes são utilizados em rituais de purificação.⁴¹

Nesse ponto, a tarefa da pregação deve identificar de forma precisa o reducionismo proposto pelo ídolo presente na cultura, para que a relação intrínseca com essa prática idolátrica não diminua o referencial proposto ao homem, tornando-o inútil e vazio, mas, o impulse a buscar o seu objetivo, que é ser desde o Éden, a imagem e semelhança de Jesus Cristo.

Num terceiro momento, o apóstolo Paulo em sua interlocução apologético busca identificar o que se sabe sobre Deus naquela cultura a partir das evidências da revelação geral presentes em cada sociedade, como vestígios da divindade, mas também, como sinal da indesculpabilidade do homem.

Partindo desse senso da presença de Deus revelada no mundo, o apóstolo Paulo cita o pensamento dos intelectuais conhecido por aquela geração. Quando diz no v. 27 que Deus não está longe daqueles que o buscam, mesmo que queiram o encontrar pela própria força e, não pela mediação de Cristo, o apóstolo cita uma frase inspirada do poema de Epimênides, no qual diz que em Deus “*vivemos, nos movemos e existimos*” (At 17.28a) e, também a frase de um poema de Arato, alegando que eles reconheciam que eram geração dessa divindade (At 17.28b).

⁴¹ Por que a vaca é sagrada na Índia? <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-a-vaca-e-sagrada-na-india/>>. Acesso em: 30 out 2021.

Davi no Salmo 19, faz referência a essa percepção da glória de Deus revelada na natureza ao qual Paulo se refere, quando expressa abertamente que *“os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. [...] Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som. No entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras chegam até os confins do mundo”* (Sl 19.1-6). Allan Harman diz que *“o mundo criado declara de uma maneira contínua a glória de Deus. Seu testemunho nunca se finda. Noite após noite, a majestade das estrelas é uma testemunha do Criador”* (2011, p. 121).

Pautando-se ainda nas Escrituras, o autor da carta aos Hebreus faz uma referência direta ao livro de Gênesis, no capítulo 01, ao afirmar que *“pela fé, entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não são visíveis”* (Hb 11.3). Calvino, interpretando esse texto em suas Institutas da religião, diz que essas *“expressões visíveis das coisas invisíveis [...] admiravelmente estruturada do universo nos serve de espelho em que podemos contemplar ao Deus que de outra sorte seria invisível”* (2006, p. 55-56, v. 1).

Nas Institutas, Calvino se atém a forma como o conhecimento de Deus pode ser manifestado ao homem para a sua alegria. Ele diz que além da *“semente de religião”* (2006, p. 55) implantada no coração do homem, há também a revelação da natureza para lhe demonstrar a glória de seu criador.

para todo e qualquer rumo a que dirijas os olhos, nenhum recanto há do mundo, por mínimo *que seja*, em que não se vejam brilhar ao menos algumas centelhas de sua glória. Nem podes, realmente, de um só relance contemplar quão amplamente se estende esta vastíssima e formosíssima engrenagem, que não te sintas de todos os lados totalmente esmagado pela imensa intensidade de *seu fulgor*.⁴²

A Confissão de fé de Westminster, ao se referir sobre essa percepção paulina de mundo, no qual Deus desvela a sua revelação de modo geral, diz que *“a luz da natureza e as obras da criação e da providência manifestam de tal modo a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens são inescusáveis”* (DIXHOORN, 2017, p. 29). Em sua explicação quanto a essa revelação geral Chad Van Dixhoorn diz que,

aqui, inconfundivelmente, a confissão está seguindo o caminho estabelecido pelo apóstolo Paulo em Romanos 1-2 [...]. Nesses capítulos o apóstolo nos lembra dessa revelação geral. Segundo Paulo, ela torna todas as pessoas indesculpáveis diante de Deus. Por essa razão, seja na evangelização ou na defesa da fé, os cristãos deveriam se lembrar de nunca tentar provar a existência de Deus para os incrédulos. Estaríamos lembrando a eles o que já sabem. A consciência de cada pessoa é incomodada pelo conhecimento de Deus. Há uma Existência acerca da qual elas podem ter profunda consciência

⁴² CALVINO, João. *As Institutas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. (v. 1). p. 55.

– ou que podem consciente ou inconscientemente suprimir. Mas o que cada um conhece sobre Deus já seria o suficiente para nunca parar de buscá-lo.⁴³

O que Paulo está revelando não é novidade alguma, mas a divina semente da religião presente no coração humano que aponta para a existência de Deus.

Num quarto momento, prosseguindo com o seu testemunho apologético em Atenas, Paulo se propõe a desconstruir o edifício no qual eles estabeleciam o pensamento para se chegar a Deus identificando aquilo que é contraditório no ídolo pressupondo que não se pode confiar naquilo que é produto da minha própria imaginação e obra (v. 29b). Caminhando pelas ruas daquela cidade, ele observou os “*objetos de culto*” e os “*altares*” nos quais eles prestavam adoração às divindades espalhadas pela cidade (At 17.16, 23) e esteve profundamente revoltado em seu íntimo por causa da idolatria predominante na região, obliterando a glória de Deus e escravizando os homens ao pecado. Mas, não somente isso, ele expressou também a nulidade desses deuses que eram feitos de “*ouro, prata e pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem*” (At 17.29b).

O profeta Jeremias (Jr 10.1-5) também denunciou a idolatria de seu povo asseverando que os ídolos de madeira, prata e ouro não podem salvar, pois, eles são apenas o fruto criativo do trabalho de um artífice e não possuíam o poder para salvar, nem dos inimigos que se levantam contra a nação nem capacidade para fazer o papel de mediação.

Ouçam a palavra que o Senhor dirige a vocês, ó casa de Israel. Assim diz o Senhor: “Não aprendam o caminho dos gentios, nem fiquem com medo dos sinais nos céus, porque com eles os gentios se atemorizam. Porque os costumes dos povos são vaidade. Cortam uma árvore do bosque, e um artífice a trabalha com o machado. Com prata e ouro a enfeitam, com pregos e martelos a fixam, para que não caia. Os ídolos são como um espantalho em pepinal; eles não falam. Necessitam de quem os leve, porque não podem andar. Não tenham receio deles, pois não podem fazer mal; também não podem fazer o bem.”⁴⁴

Calvino declara que o prostrar-se diante de um ídolo é contra aquilo que as próprias Escrituras revelam a respeito da vontade de Deus no culto estabelecido por ele mesmo na adoração de suas criaturas, revelando a sua loucura e estultícia, pois, essa prática é a consequência natural do seu ato pecaminoso na queda que “*se apossou de todo o orbe, de tal modo que os homens buscassem representações visíveis de Deus, e por isso, forjassem deuses da madeira, da pedra, do ouro, da prata, ou de outro qualquer material inanimado e corruptível [...]*” (2006, p. 55-56, v. 1). E fere diretamente a ordem do Criador em Êxodo 20.

⁴³ DIXHOORN, Chad Van. Guia de estudos da confissão de Fé de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2017. p. 30.

⁴⁴ Bíblia de Estudo NAA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. p. 1291.

Nisso o Catecismo Heidelberg diz que aquilo que Deus exige no segundo mandamento é “*que não podemos representá-lo por imagens, e nem adorá-lo de nenhum outro modo senão aquele que ele nos ordenou na sua Palavra*” (BEEK, 2006, p. 136).

Portanto, segundo a confissão Helvética, “*somente o verdadeiro Deus deve ser adorado e cultuado. Esta honra não concedemos a nenhum outro, segundo o mandamento do Senhor: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4.10)*” (BEEK, 2006, p. 138).

Essa indignação quanto à idolatria pode ser bem representada pelo papel do profeta em sua comissão divina de proferir a mensagem de restauração, no caso de arrependimento, e, juízo, no caso da insistente rebeldia do coração.

Os profetas não eram meros produtos da vida judaica; eles colidiam frontalmente com os caminhos judaicos, de forma especial com a tendência reiterada de fazer concessões à fé de outras nações, em vez de proteger a fé única de Israel. Foi a firmeza destemida de Elias contra os profetas de Baal que, na estima dos judeus, o fez ocupar um lugar tão destacado quanto o de Moisés. As questões eram muitas: a idolatria, o sincretismo, a injustiça social e a apatia espiritual. Esses pecados eram confrontados pelos profetas do Reino de Deus, Reino de justiça, paz, universalidade e permanência. A autoridade moral deles excedia aquela dos sacerdotes e reis. A exceção foi o rei Davi, o salmista inspirado, que passou a ser classificado como profeta.⁴⁵

“*Sem dúvida, todos os profetas censuraram muitíssimo o povo de Israel todas as vezes que este adorou e cultuou deuses estranhos e não o único Deus verdadeiro*” (BEEK, 2006, p. 138).

Essa inconsistência na adoração aos ídolos pode ser percebida na conclusão elaborada por um dos monarcas do povo Inca quanto a adoração ao deus sol, dizendo que aquele que está debaixo de regras físicas como todos os mortais não pode ser Deus.

quase todos que têm algum conhecimento sobre os incas sabem que adoravam Inti - o sol. Todavia, em 1575, em Cuzco, um sacerdote espanhol chamado Cristobel De Molina colecionou vários hinos incas - e certas tradições ligadas a eles - provando que a divindade de Inti nem sempre mostrou-se indiscutível, até mesmo aos olhos dos próprios incas. De Molina escreveu os hinos e suas tradições na língua inca, ou quechua, com a ortografia adaptada do espanhol. Os incas não tinham um sistema de escrita. Essa coleção inteira de tradições e hinos reporta-se ao reinado de Pachacuti. [...] Mas, o que havia de tão revolucionário a respeito dos hinos? As tradições descobertas com eles declaram incisivamente que Pachacuti - o rei tão dedicado à adoração do sol, que reconstruiu o templo de Inti em Cuzco - começou, mais tarde, a questionar as credenciais de seu deus! Philip Ainsworth Means, comentando sobre o descontentamento de Pachacuti com Inti, escreveu: “Ele ressaltou que esse corpo luminoso segue sempre um caminho determinado, realiza tarefas definidas e mantém horas certas como as de um trabalhador”. Em outras palavras, se Inti é Deus, por que ele nunca faz algo original'? O rei refletiu

⁴⁵ Guia Cristão de Leitura da Bíblia.

novamente. Ele notou que “a radiação solar pode ser diminuída por qualquer nuvem que passe”. Ou seja, se Inti fosse realmente Deus, nenhuma simples coisa criada teria poder para reduzir a sua luz”. Pachacuti tropeçou inesperadamente na verdade de que estivera adorando um simples objeto como Criador! Corajosamente, ele avançou para a pergunta seguinte inevitável: Se Inti não é o Deus verdadeiro, quem é Ele então?⁴⁶

A tarefa da pregação, em seu testemunho apologético, produz exatamente essa pergunta final. Se o ídolo não é o deus verdadeiro, então quem o é? Paulo em sua interlocução com a cultura da época, propõe a forma de revelação e confrontação da fábrica de ídolos presentes no coração de todo o ser, sendo a única esperança para se livrar da idolatria, o caminho redentivo proposto em Cristo Jesus.

4.4. A RAZÃO DA ESPERANÇA (At 17.23b-27; 30-31)

Uma vez que o edifício idolátrico no qual a adoração daquela cidade estava construída foi demolido, a tarefa proclamatória de Paulo a partir de então é apresentar uma alternativa a esse sistema de crenças que seja consistente diante das dúvidas e questionamentos apresentados pela humanidade em sua natureza caída, pois, para Philip Ryken, “*a forma como as pessoas vivem está sempre fundamentada em sua perspectiva religiosa, mesmo que elas assegurem não serem religiosas*” (2015, p. 21).

Esse sistema alternativo apresentado por Paulo tem o seu início na constatação de que todas as coisas foram criadas para um devido fim, com um propósito específico, apesar do caos existencial experimentado pela humanidade. Em Atos 17.24, ele diz que, num ato de sua livre vontade, Deus soberanamente deliberou criar “*o mundo e tudo o que nele existe*”, sendo Ele portanto, “*o Senhor do céu e da terra*”. Essa declaração de Paulo, comentada por Simon J. Kistemaker, tem como objetivo apresentar ao auditório ateniense uma doutrina da criação fundamentada em uma única divindade, o Deus de Israel, confrontando assim, a lógica criacional dos atenienses baseada num panteão.

Paulo coloca o ensinamento concernente a Deus e sua revelação no lugar da filosofia estoica que enxerga deidades em cada aspecto do mundo, mas não possui nenhuma doutrina da criação. O apóstolo ensina o Monoteísmo em contraste com o Panteísmo estoico. Ele introduz Deus, que criou o mundo e tudo o que nele existe. A palavra grega kosmos significa o mundo organizado de maneira ordenada “como a soma total de tudo aqui e agora”. Ao acrescentar o termo kosmos à expressão todas as coisas que nele há, Paulo ressalta a organização ordeira da criação que encontra sua origem num Deus pessoal. Ele diz que este Deus é Senhor dos céus e da terra. O apóstolo anuncia que

⁴⁶ RICHARDSON, Don. *O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 29-30.

como Senhor, Deus governa e cuida de tudo o que ele fez, inclusive dessa plateia ateniense.⁴⁷

O Deus anunciado pelo evangelho é criador de todas as coisas. É criador de toda a raça humana a partir de um único homem (At 17.26a). É sustentador de toda a sua criação, ao contrário do que afirma o Deísmo (At 17.26b). A sua majestade não pode ser contida em templos humanos ou residida em qualquer uma de suas criações.

Com essa declaração, Paulo aponta para algumas perguntas filosóficas que toda a humanidade busca. Quem nos criou? Para que existimos? E, qual o fim para o qual todas as coisas estão sendo direcionadas? Ao afirmar que Deus é o autor que estabeleceu os alicerces de todo o firmamento, Paulo, conseqüentemente, também apresenta as razões pelas quais todas as coisas foram erigidas. Ryken diz “*que não fomos criados ou reservados para os nossos propósitos, e sim para os propósitos dele. [...] Nossa suprema alegria e verdadeira razão de existir é nos deleitar na beleza infinita de Deus*” (2015, p. 47). A humanidade foi indubitavelmente, criada para a adoração. Para adorar ao Deus bendito de toda a terra.

A partir de então, Paulo passa a construir um segundo momento em sua tratativa de demonstrar o evangelho como o único sistema alternativo que é consistente em suas proposições. Ele vai alegar que embora todas as coisas tenham sido criadas de forma magistral, a desobediência do homem quanto a vontade revelada de Deus, trouxe desordem e destruição não somente no âmbito religioso, espiritual, no relacionamento do homem com o seu Criador, mas também, afetou todas as áreas nas quais o homem está imerso, seja, consigo mesmo. Seja com o próximo ou, com a natureza que está sujeita aos seus cuidados. Para afirmar isso, Paulo se dirige ao propósito de Deus na criação. Ao criar todas as coisas, ele é Senhor de tudo. Ele é “*Senhor do céu e da terra*” (At 17.24). Portanto, o grande pecado da humanidade é deixar de glorificá-lo como lhe é devido e reivindicar a si mesmo esse senhorio.

Ao provar do fruto proibido, nossos primeiros pais tinham tudo a perder e nada que valesse a pena ganhar. Mesmo assim, buscaram sua própria independência e quebraram a aliança com Deus: “a mulher... tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3.6). Nessas poucas palavras está contida toda a miséria humana. Até aquele momento, os seres humanos haviam conhecido apenas o que era bom. Agora eles também conheciam o mal, para seu desespero e destruição.⁴⁸

Por esse conhecimento do bem e do mal trazido pela desobediência a Deus, o homem e sua descendência, estão irremediavelmente distantes de Deus e da possibilidade de retornarem ao relacionamento com ele. O pecado cavou um abismo intransponível entre o homem e a

⁴⁷ KISTEMAKER, Simon J. *Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. p. 182.

⁴⁸ RYKEN, Philip Graham. *Cosmovisão cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 58.

divindade, sendo essa a razão para as suas mazelas, embora estes o busquem e Deus não esteja longe deles (At 17.27).

O propósito de Deus em sua ordenação da história é incitar os seres humanos a buscá-lo (At 17.27). A pressuposição, em outras palavras, é que do contrário eles não o buscariam. Então esse indício da rebelião humana é mais provocado e expandido: a idolatria é uma prática tanto culpavelmente ignorante quanto maligna, e todos, um dia, responderão por isso a esse Deus-Criador que também é juiz (At 17.29-30). Nada disso significa que Deus está jogando duro para conseguir que o busquem ou está se escondendo em algum lugar e deve ser descoberto por nobres façanhas de exploração [...].⁴⁹

Se de fato Deus não está brincando de esconde-esconde com sua criação nem sendo inflexível, mas deseja ser encontrado, como Paulo concilia essa aparente contradição? A partir de então, o apóstolo inicia a sua apresentação do evangelho que aponta para Jesus Cristo como aquele que é a justiça de Deus e o justificador do homem em seu estado natural de pecado, debaixo da ira divina. Ryken salienta que *“esse é o grande tema das Escrituras: a salvação em Jesus Cristo. Se Gênesis 1 e 2 são principalmente sobre a criação, e Gênesis 3 descreve a queda, então o restante da Bíblia é essencialmente sobre o amor e a graça de Deus [...]”* (2015, p. 74). Mas como Paulo afirma que Cristo é tanto a justiça quanto o justificador do homem perdido? Em Atos 17.31 Paulo diz que *“Deus estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de um homem que escolheu”*. Esse homem pelo qual Deus aplicará a sua justiça divina é Jesus Cristo, no qual o apóstolo Paulo explica e aponta em Romanos 3.25-26, quando diz que *“em Cristo Jesus, a quem Deus apresentou como propiciação, no seu sangue, mediante a fé [...] Deus seja justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus”*.

Calvino comentando esse texto diz que é necessário estabelecer uma ordem inicial para a compreensão daquilo que é proposto pelo evangelho em Jesus Cristo. Primeiro apontando pela forma na qual o homem está condenado a perdição eterna, devido a falta da produção do fruto de justiça, pelas boas obras.

Primeiro, a causa de nossa justificação não se acha radicada no julgamento humano, e, sim, no tribunal divino, diante do qual só a perfeita e absoluta obediência à lei é computada como justiça, como é evidente das promessas e admoestações da lei. Se não há um sequer que atinja a santidade com tanta precisão, segue-se que todos os homens se acham destituídos de justiça inerente.⁵⁰

Segundo, apontando para a necessidade que o homem tem de se apoiar em um mediador para a salvação da ira vindoura.

⁴⁹ CARSON, Donald A. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo*. São Paulo: Shedd, 2013. p. 492.

⁵⁰ CALVINO, J. *Romanos*. São José dos Campos: FIEL, 2013. p. 149.

é indispensável que Cristo venha em nosso auxílio, pois ele é o único inerentemente justo e capaz de fazer-nos justos, transferindo para nós sua própria justiça. Agora percebemos como a justiça procedente da fé é a justiça de Cristo. Quando, pois, somos justificados, a causa eficiente é a misericórdia divina; Cristo é a substância [matéria] de nossa justificação; e a Palavra, juntamente com a fé, são os instrumentos.⁵¹

Em Cristo, tanto a ira de Deus quanto a imputação da justiça ao pecador são alcançadas. Para Paulo, a condição única estabelecida apontada para a construção de um novo relacionamento com Deus é a mediação pela vida e obra de Jesus Cristo, o qual se tem acesso pela fé, através do arrependimento pessoal para se evitar a condenação futura como salário da rebeldia (Rm 6.23). Kistemaker comenta da seguinte forma.

Em Romanos 3.25, Paulo escreve que Deus tolerou os pecados que o povo cometera em tempos passados e, dessa forma, não os levou em conta. Mas agora que Cristo derramara seu sangue pelos pecados de seu povo, Deus está pronto para perdoar esses pecados do passado, assim como perdoa os pecados daqueles que se arrependem e se achegam a ele agora. Paulo diz aos filósofos atenienses que Deus, no presente, ordena que “todos os homens, em todos os lugares, se arrependam”. Essa é uma ordem divina que ninguém pode ignorar. Porque Cristo derramou o seu sangue na cruz pela remissão do pecado, é dito a todos os povos de todas as nações, tribos, raças e línguas que se arrependam, creiam e cessem de viver em ignorância e pecado, tão logo ouçam a mensagem do evangelho ser proclamada.⁵²

Para atestar essa verdade, Paulo afirma que a garantia dessa proposição se deu ao fato de que Deus o ressuscitou dentre os mortos lhe concedendo toda a autoridade no céu e na terra (Mt 28.19). Em At 17.31b, Paulo diz que Deus “*deu certeza disso a todos, ressuscitando de entre os mortos*”.

Mas os atenienses podem perguntar se esse homem, que permanece sem nome, possui autoridade divina para julgar o mundo. Que prova pode esse homem fornecer de que Deus lhe conferiu o poder para julgar? Paulo declara afirmativamente que o próprio Deus apresenta prova a todos os homens, porque ele ressuscitou esse homem dentre os mortos.⁵³

Embora o tempo da ignorância tenha terminado, alguns se mantiverem deliberadamente ignorantes quanto a receptividade desse evangelho e receberão a justa condenação, mas, outros ouviram a proclamação e aproveitaram o tempo oportuno (At 17.32-34).

Indiferente de qual será o resultado, a tarefa da pregação deve apresentar uma metanarrativa que substitua aquela na qual confrontou, numa visão de mundo que possa responder aos anseios e mazelas de um mundo caído, distante de Deus e sem esperança,

⁵¹ CALVINO, J. *Romanos*. São José dos Campos: FIEL, 2013. p. 149.

⁵² KISTEMAKER, Simon J. *Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. p. 190.

⁵³ *Ibid.* p. 191.

apresentando como única alternativa consistente para esse problema humano, a vida e a obra de Jesus Cristo.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O objetivo desse capítulo foi atestar que a tarefa da pregação não está completa tão somente na declaração de que Cristo Jesus é a verdade, única e absoluta, para a salvação do homem morto em seus delitos e pecados (Ef 2.1-3), mas, afirmar que num contexto onde a realidade da verdade se torna cada vez menos universal, é necessário que a tarefa da pregação se debruce sobre a idealização do significado da mensagem proposta no evangelho a esta cultura, revelando como e onde é possível encontrar a concretização de *“autoridade, sentido, segurança e aceitação [capazes de confrontar uma] sofisticação intelectual, que conduzem a um subjetivismo desesperador em que as pessoas fazem o que é direito aos seu próprios olhos”* (CHAPELL, 2007, p. 23).

Para responder a essa indagação, buscou-se analisar a narrativa que expõe a proclamação do apóstolo Paulo no areópago, em Atenas, quando de sua segunda viagem missionária a fim de compreender o testemunho do apóstolo em sua declaração de que o evangelho do Senhor Jesus Cristo é a única resposta consistente para as perguntas que eles, e, toda a humanidade fazem, mas, também, para perceber o método no qual ele se ateve para dismantelar o sistema no qual a adoração daqueles moradores estava alicerçada, e, ao mesmo tempo, observar a alternativa proposta pelo apóstolo para substituir aquele sistema idolátrico afirmando ser o cristianismo o caminho, a verdade e a vida (Jo 6.14).

Essa observação culminou na percepção daquilo que inevitavelmente o testemunho do evangelho leva, que é a apresentação da razão da esperança do cristianismo a todos aqueles aos quais essa mensagem é anunciada, pois difere na essência de todas as outras religiões, pois se baseia na vida e obra de Jesus Cristo. Culminou também, a partir dessa realidade, na busca por um método capaz de atender razoavelmente a necessidade do diálogo com a cultura, uma vez que se faz primeiramente necessário derribar os sistemas nos quais o ouvinte está apoiado, para que, posteriormente, se possa apresentar uma alternativa consistente àquela sustentada pelo ídolo. Para tal, o método proposto pelas quatro verdades foi estabelecido.

CONCLUSÃO

O objetivo do presente trabalho foi buscar compreender as diferenças entre T. H. L. Parker e R. Albert Mohler Jr. sobre o conceito da tarefa do pregador na exposição do evangelho a partir da análise de ministério do apóstolo Paulo, com o objetivo de *descobrir* se a tarefa do pregador nesta proclamação como uma testemunha pode ser harmonizada com exigências complementares como a apologética em tempos pós-modernos ou, se biblicamente se tornam incongruentes, inconciliáveis e incompatíveis, *a fim de* argumentar que o testemunho e a defesa da fé não são contrastantes, mas, devem ser vistos como complementares e indissociáveis não somente numa cultura permeada pelo pós-modernismo, mas em toda e qualquer sociedade que desafie a veracidade do testemunho de nosso senhor Jesus Cristo, *de modo a saber* como o pregador deve dialogar com a cultura predominante de sua época mantendo fielmente a identidade de sua comissão, *a partir de* uma abordagem metodologicamente bíblica.

Para essa problemática, algumas perguntas foram levantadas. Em primeiro lugar, procurou-se aferir qual a fonte e o conteúdo do pregador em sua tarefa num contexto de relativização da verdade, validada apenas pelo sujeito. A resposta apurada foi a que embora o pós-modernismo arrogue para si a primazia de negar a realidade da verdade, ele se mostra autorreferencialmente absurdo em sua construção pois labora a partir de uma inconsistência. Se não há de fato uma verdade universal, qual o direito de seus proponentes apresentarem uma com tal conotação. A suma é que Parker está correto em sua alegação de que a tarefa da pregação é testemunhal, firmada na veracidade do evangelho, que revela a pessoa e obra de Jesus Cristo.

Em segundo lugar, procurou-se compreender a legitimidade da autoridade da tarefa da pregação na proclamação do evangelho num mundo hostil a autoridade. Embora o pós-modernismo atrele a verdade como meio de opressão de sistemas majoritários sobre outros minoritários, o evangelho, embora afirme a declaração da verdade como poder, o faz pela descrição de libertação e não de subjugação pautada num modelo fascista. Para que a ordem volte a ser restabelecida, o homem rebelde precisa se render à verdade anunciada pelo evangelho. Aqui está o cerne da autoridade da tarefa da pregação. Já que, nenhuma cosmovisão é capaz de restabelecer a ordem almejada pela sociedade, o cristianismo é aquele que se mostra capaz par tal. Portanto, segundo a ênfase de Parker, a tarefa da pregação também precisa se ver como comissionada a essa cultura como parte integrante que antecede o diálogo, pois, sem essa visão, a missão da Igreja é desprovida de autoridade e propósito.

E por último, e não menos importante, buscou-se compreender como a tarefa da

pregação poder-se-ia se fundamentar numa metodologia que lhe possibilitasse a construção de um diálogo consistente com a cultura circundante a partir desses pressupostos bíblicos visando a sua relevância e significado. A resposta apontada foi que, somente a declaração de Jesus Cristo como Senhor, não é capaz de desconstruir os pensamentos maliciosos vigente na cultura e, que, esse anúncio devia se estruturar em um método capaz de desmascarar e ao mesmo tempo revelar uma metanarrativa que fosse plausível para tal propósito. A conclusão foi que a perspectiva das quatro verdades apresentadas por William Edgar se encaixa naquilo que este trabalho propõe, pois, flexibiliza a utilização de outros sistemas apologéticos na tarefa do diálogo com a cultura.

Portanto, a harmonização entre Parker e Mohler na tarefa da pregação se mostra pertinente e complementar, pois por um lado, encoraja o diálogo com a cultura da época e, por outro, firma esse evento na verdade e autoridade da Palavra de Deus, capacitando a Igreja a cumprir o seu comissionamento.

REFERÊNCIAS

- BEEK, Joel R. *Harmonia das confissões de fé reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- CALVINO, João. *As Institutas*. Livro II. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- CALVINO, João. *As Institutas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. (v. 1).
- CALVINO, João. *Epístolas Gerais*. São José dos Campos, SP: FIEL, 2015.
- CALVINO, João. *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*. São José dos Campos, SP: FIEL, 2010.
- CALVINO, J. *Romanos*. São José dos Campos: FIEL, 2013.
- CARSON, D. A. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- CARSON, Donald A. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo*. São Paulo: Shedd, 2013.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *A Fortuna e a Providência: Maquiavel e Calvino, dois Olhares sobre a História e a Vida*. <3-A-fortuna-e-a-providência-Maquiavel-e-Calvino-dois-olhares-sobre-a-história-e-a-vida-Hermisten-Maia-Pereira-da-Costa.pdf (mackenzie.br)>.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *João Calvino 500 anos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- DIXHOORN, Chad Van. *Guia de estudos da confissão de Fé de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- DOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- EDGAR, William. *Razões do coração: reconquistando a persuasão cristã*. Brasília: Refúgio, 2000.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HARMAN, Allan. *Salmos: comentários do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- KELLER, Timothy. *Encontros com Jesus: respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- KELLER, Timothy. *Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KISTEMAKER, Simon J. *Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.
- LEWIS, C. S. *Deus no banco dos réus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- MCGRATH, Alister. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*. São Paulo: Shedd, 2007.

MOHLER, R. Albert Jr. *Deus não está em silêncio: pregando em um mundo pós-moderno*. São José dos Campos: Fiel, 2011.

MOHLER, R. Albert Jr. *O desaparecimento de Deus: crenças perigosas na nova abertura espiritual*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

PARKER, T. H. L. *Os oráculos de Deus: uma introdução à pregação de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

RYKEN, Philip Graham. *Cosmovisão cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos*. São Paulo: Shedd, 2002.

WESTMINSTER, Assembleia de. *A Confissão de Fé de Westminster*. 17. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.